



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**CURSO DE JORNALISMO**

**JORDANA AYRES SILVA**

**PODCAST: PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA TELEVISÃO:  
IMPACTOS NA AFIRMAÇÃO DA DIVERSIDADE**

**GOIÂNIA - GO**

**2022**

**JORDANA AYRES SILVA**

**PODCAST: PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA TELEVISÃO:  
IMPACTOS NA AFIRMAÇÃO DA DIVERSIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso ao curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para o Grau pretendido.

**Orientadora: Profa. Denize Daudt Bandeira.**

**GOIÂNIA - GO  
2022**

**JORDANA AYRES SILVA**

**PODCAST: PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA TELEVISÃO: IMPACTOS NA  
AFIRMAÇÃO DA DIVERSIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

**COMISSÃO JULGADORA:**

---

**Ma. Gabriella Luccianni Morais Souza Calaça**  
**Docente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)**

---

**Ma. Déborah Rodrigues Borges**  
**Docente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)**

---

**Ma. Denize Daudt Bandeira**  
**Docente da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) Professor**  
**Orientador – Presidente da Banca Examinadora**

**Goiânia, dezembro de dois mil e vinte e dois.**

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente a Deus, que me guiou na escolha do curso e me sustentou nos mais diversos desafios que enfrentei durante toda a graduação. Sem a presença dele, como meu guia e cuidador de todos os detalhes, sei que seria impossível finalizar este ciclo.

Minha eterna gratidão aos meus pais, Cleomar Ayres e Leomar Lázaro, que mesmo sem nunca terem frequentado uma Universidade, não mediram esforços para que eu pudesse estudar e assim garantir um futuro melhor.

A meus familiares, amigos, colegas de curso, colegas de estágio e do trabalho, que foram de suma importância durante a produção do Trabalho de Conclusão de Curso e tornaram mais leves os dias difíceis.

Minha gratidão, ainda, em especial, à minha orientadora Denize Daudt Bandeira, que além de percorrer ao meu lado toda a trajetória da construção do tema e as especificidades que o processo de construção do trabalho determina, me tratou com extremo carinho, respeito e paciência.

Agradeço ainda, a cada um dos mestres que passaram pelas salas de aula em que estive, carregarei um pouco de cada um, não importa em qual área no mercado de trabalho eu esteja.

Por fim, agradeço às minhas fontes que aceitaram participar deste projeto, sem vocês, o trabalho não teria vida.

## **RESUMO**

O presente trabalho, desenvolvido durante as disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso I e II, discute a padronização estética da locução de repórteres no telejornalismo brasileiro e seus reflexos na subjetividade e expressão de mulheres em exercício profissional. O projeto, que resultou em um podcast documental com o título “Solta a Tua Voz”, aborda a temática a partir das experiências de jornalistas que vivenciaram o contexto do preconceito. Discussão ancorada em pesquisa bibliográfica que resgata, na seção I, a história e o desenvolvimento da televisão, o rádio no Brasil, o conceito de cidadania e o preconceito linguístico. O projeto, composto de uma unidade teórica e uma metodológica, discute ainda o impacto desse tipo de preconceito na sociedade e a importância da televisão na representatividade da cultura brasileira.

**Palavras-chave:** Cidadania. Telejornalismo. Cultura. Preconceito. Podcast.

## **ABSTRACT**

The present work, developed during the Course Completion Work disciplines I and II, discusses the aesthetic standardization of reporters' voiceovers in Brazilian telejournalism and its reflections on the subjectivity and expression of women in professional practice. The project, which resulted in a documentary podcast entitled "Solta a Tua Voz", addresses the theme based on the experiences of journalists who have experienced the context of prejudice. Discussion anchored in bibliographic research that rescues, in section I, the history and development of television, radio in Brazil, the concept of citizenship and linguistic prejudice. The project, composed of a theoretical and a methodological unit, also discusses the impact of this type of prejudice on society and the importance of television in representing Brazilian culture.

**Keywords:** Citizenship. Telejournalism. Culture. Preconception. Podcast.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Evolução tecnológica da televisão	17
<b>Quadro 2</b> - Domicílios com televisão em 2019	18
<b>Quadro 3</b> - Número de televisores no Brasil ao longo dos anos	19
<b>Quadro 4</b> - Equipamento utilizado para acessar por pessoas de 10 anos ou mais de idade.	26

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>10</b>
<b>1 REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>10</b>
<b>1.1 A CAIXA DE LUZ</b>	10
<b>1.2 DO RÁDIO À TELEVISÃO</b>	12
<b>1.3 UMA NOVA TELEVISÃO</b>	15
<b>1.4 CIDADANIA, HISTÓRIA E DESAFIOS</b>	20
<b>1.5 CIDADANIA E CULTURA</b>	22
<b>CAPÍTULO II</b>	<b>26</b>
<b>2 DIÁRIO DE PRODUÇÃO</b>	<b>26</b>
<b>2.1 PODCAST</b>	26
<b>2.2 PRODUÇÃO DE PODCAST</b>	28
<b>2.2.1 Linguagem sonora</b>	28
<b>2.3 ETAPAS DA PRODUÇÃO</b>	30
<b>2.3.1 Pesquisa do tema</b>	30
<b>2.3.2 Entrevistas</b>	30
<b>2.3.3 Decupagem</b>	31
<b>2.3.4 Roteiro</b>	32
<b>2.3.5 Gravação e edição</b>	32
<b>2.3.6 Fontes</b>	32
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>36</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>39</b>
<b>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DA IMAGEM E DA VOZ</b>	39
<b>APÊNDICE</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO</b>	40
<b>APÊNDICE B - PAUTAS</b>	54

## INTRODUÇÃO

O presente estudo divide-se em dois capítulos: a primeira, uma revisão de literatura; e a segunda, a parte prática do projeto. Na primeira seção, aborda-se: a história da televisão, com ênfase no desenvolvimento desse meio de comunicação no Brasil; o conceito e a história da cidadania, importantes para a compreensão da afirmação da diversidade e do preconceito linguístico e suas consequências. Essa abordagem é fundamental para o objetivo deste estudo, compreender como esse preconceito impacta a vida de mulheres que atuam no telejornalismo brasileiro. Uma discussão que resultou em um podcast que aborda os reflexos da padronização estética da fala e da voz, presente na televisão, na subjetividade e na expressão de mulheres em exercício profissional.

No debate do primeiro capítulo, discute-se as consequências do preconceito linguístico para a sociedade e a importância da televisão, um dos mais significativos meios de comunicação existentes no país na construção social de representatividades culturais. O trabalho defende que a mesma mídia que contribui para o debate dos preconceitos e das mazelas sociais, acaba, em alguns momentos, reforçando preconceitos e estereótipos.

Esta etapa teórica do projeto colaborou no entendimento de como os estereótipos se constituem e impactam os sujeitos, no caso deste estudo, os sujeitos são os repórteres de televisão e suas rotinas de trabalho. O texto versa sobre a urgência de debates sobre o preconceito linguístico, ainda pouco conhecido e discutido. E por último, traz a trajetória do podcast, como um meio de propagar informações e sua consolidação em diferentes tipos de plataformas, disponível em arquivos ou streaming, em um formato que revolucionou a produção, distribuição e consumo das mais diversas temáticas. O podcast ganha espaço entre pessoas que procuram conteúdos "disponíveis na palma da mão".

Para fundamentar a revisão de literatura, recorreu-se aos seguintes autores: Vera Maria Candau, José Murilo de Carvalho, Lindomar Teixeira Luiz, Karen Cristina Kraemer Abreu, Rodolfo Sgorla da Silva, Willians Cerozzi Balan, Graziela Valadares Gomes de Mello Vianna, Armand Balsebre e Marcos Bagno.

A revisão de literatura foi necessária para a compreensão da construção histórica do que se entende por preconceito linguístico e sua consolidação nas diversas estruturas sociais, inclusive na mídia.

A parte prática do projeto, capítulo 2, descreve-se as fases do trabalho que resultaram em um podcast documental com o título: "Solta a Tua Voz", um material composto por entrevistas com as seguintes repórteres: Danila Bernardes, Micheli Rosa e Karoline Fernandes

- atuantes na área do telejornalismo em diferentes regiões do Brasil. O podcast conta ainda com a participação da fonoaudióloga Carolina Moura e da professora e pesquisadora, doutora em comunicação, Ana Carolina Temer. Esse podcast, "Solta a Tua Voz", está disponível em: <https://open.spotify.com/show/2go9ZCUohvglIcChsC7Yrb>. A duração é de 45:51 minutos.

## CAPÍTULO 1

### 1 REVISÃO DE LITERATURA

O presente trabalho, voltado à discussão da padronização estética da locução de mulheres no telejornalismo brasileiro, fez-se necessário resgatar a história e o desenvolvimento da televisão no Brasil. Apresentou-se, também, o conceito de cidadania, já que um dos objetivos da pesquisa *Preconceito Linguístico na Televisão: impactos na afirmação da diversidade* é abordar, por meio do podcast, os reflexos dessa padronização estética, ainda presente na televisão brasileira, na subjetividade e na expressão de mulheres em exercício profissional.

A pesquisa utilizou-se de entrevistas com jornalistas que atuam em emissoras locais e nacionais. Contribuiu também para a discussão a pesquisadora em televisão Ana Carolina Rocha Pessoa Temer e a fonoaudióloga Carolina Moura Domingos. O material, que resultou no produto prático do trabalho, possibilitou à pesquisadora averiguar, a partir de experiências desses profissionais, o argumento central aqui apresentado de que essa dinâmica impacta a diversidade, estimulando ainda o preconceito linguístico. A opção por profissionais mulheres vem da própria condição da pesquisadora que vivenciou a situação durante estágio do curso em um portal de notícias em Goiânia. Essa unidade do trabalho está subdividida nas seguintes subunidades: A caixa de luz, Do rádio à televisão, Uma nova televisão, Cidadania, história e desafios e Cidadania e cultura.

#### 1.1 A caixa de luz

A história da televisão iniciou em 1817, por meio de um experimento que mudaria para sempre a comunicação em todo o mundo. Apesar de ter se tornado conhecida apenas no século XX, a “caixa de luz” começa a dar os primeiros passos a partir dos experimentos do cientista Jakob Berzelius, o qual observou que o elemento químico selênio era capaz de transformar a energia luminosa em energia elétrica. Apesar desse avanço, foi Paul Nipkow, em 1884, quem constatou a possibilidade da transmissão de imagens a distância.

Os pequenos buracos estavam dispostos em forma espiral e colocados na frente de um cristal de selênio. (...) girando o disco rapidamente, a luz correspondente a cada partícula da imagem focalizada produziria no selênio diferentes impulsos elétricos que seriam amplificados e enviados por um fio até o aparelho receptor, onde outro disco igual ao primeiro, girando na mesma velocidade, faria a recuperação da imagem de modo inverso. Era a solução de ordem mecânica, e implicava o uso de fio condutor (SQUIRRA, 1995, p. 33 apud ABREU SILVA, p.2, 2012).

Em 1896, a invenção do rádio estimulou uma maior curiosidade dos pesquisadores sobre a possibilidade de um aparelho que, além de produzir sons, transmitisse imagens, independente

da distância. Segundo Abreu Silva (2012, p. 2), Constantin Perskyi, “[...] em 1900 apresentou no Congresso Internacional de Eletricidade em Paris uma tese que descrevia o funcionamento de um equipamento com base nas propriedades fotocondutoras do selênio, transmitindo imagens à distância”. O título da tese fez surgir, efetivamente, o nome do invento: televisão. Perskyi reuniu os termos *teve* (do grego: por longe) e *videre* (do latim: visão). Vinte anos depois, John Logie Baird, inspirado nos experimentos de Nipkow, realizou as primeiras transmissões por meio de um sistema mecânico.

O escocês Baird conseguiu transmitir contornos de objetos à distância em 1924; e, no ano seguinte, 1925, John Logie Baird transmitiu, de sua casa, imagens à distância do seu vizinho Willian Taynton, à casa ao lado, fazendo de Taynton o primeiro homem televisado ao vivo na história da televisão, utilizando o padrão mecânico e definição de 30 linhas (ABREU SILVA, 2012, p. 3)

Em 1928, “[...] realizou experiências com a televisão em cores, a partir da exploração das imagens com luz vermelha, verde e azul, princípios que regem a televisão colorida até hoje” (SQUIRRA, 1995, p. 34 apud ABREU SILVA, p. 3, 2012). Nos anos 1930, foi inaugurada a *British Broadcasting Corporation* (BBC) - uma das corporações de comunicação mais consagradas do mundo - e pioneira na transmissão de um programa de televisão. Nesse período, as imagens eram compostas por 240 linhas, que na época representavam o padrão mínimo, considerado pelos técnicos como alta definição. Em três meses, esse número praticamente dobrou e as imagens foram ficando cada vez mais nítidas. Assim, a popularidade da televisão crescia por toda a Europa, Alemanha e França (ABREU SILVA, 2012).

Uma das transmissões de maior relevância histórica para a televisão foi realizada na BBC de Londres, em 1936: a cerimônia de coroação do Rei George VI da Grã-Bretanha. Em média, 50 mil telespectadores assistiram ao evento, consolidando assim a importância da televisão no mundo. De acordo com Abreu Silva (2012, p. 3), “um ano depois, nos Estados Unidos, a transmissão televisiva, com imagem e som, do discurso do presidente Franklin D. Roosevelt pronunciado na Feira de Amostras de Nova Iorque, marca o início da comunicação eletrônica no continente Americano”. Os Estados Unidos da América logo notaram a influência que a televisão poderia exercer sobre seus consumidores e resolveu apostar na nova mídia. “A NBC estreou em 1941, nos Estados Unidos, apresentando o formato mercadológico da comunicação de massa, com anunciantes e patrocinadores para garantir a programação” (ABREU SILVA, 2012, p. 3).

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a Alemanha deu continuidade às suas transmissões televisivas. O veículo foi utilizado para disseminar as propagandas nazistas, ao mesmo tempo em que se fortalecia a censura no país. “Na França, as transmissões só foram

retomadas em outubro de 1944, na Rússia, em dezembro de 1945 e, na Inglaterra, a BBC só retornou às atividades em junho de 1946, com o anúncio do fim da II Grande Guerra, transmitindo o desfile da vitória” (ABREU SILVA, 2012, p. 3).

No Brasil, a televisão chegou de maneira tardia, sua estreia aconteceu em 18 de setembro de 1950, às 17 horas, na cidade de São Paulo. O responsável pela chegada da televisão em território nacional, foi o empresário Assis Chateaubriand, conhecido por “Chatô”. Os detalhes da história da televisão brasileira serão abordados a partir desse ponto do trabalho.

## **1.2 Do rádio à televisão**

Nos anos 1920, as primeiras emissoras de rádio no Brasil se constituíam em clubes ou sociedades formadas por membros da elite social do país. Uma das mais representativas foi a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, primeira emissora oficial em terras brasileiras e que tinha como lema a educação e a cultura, sua programação compunha-se por temas de literatura, ciência, economia e música clássica.

A era profissional e comercial desse meio de comunicação se deu a partir da década de 30. Foi nesse período o decreto 21.111, de 1º de março de 1932, que permitiu a comercialização de 10% do espaço da programação para a publicidade, seguindo a linha dos Estados Unidos. Mudança que favoreceu de forma significativa a expansão desse veículo, “foram contratados muitos atores, cantores, humoristas, locutores, programadores, produtores, técnicos em eletrônica. Nesse período o rádio se torna altamente competitivo financeiramente” (JAMBEIRO, 2002, p.49 apud LEAL, 2009, p. 4).

Em 1938, apenas um ano após a instauração do Estado Novo (Era Vargas), a história do veículo seria marcada pelo surgimento da Rádio Globo do Rio de Janeiro, que mais tarde se tornaria a rádio AM (Amplitude Modulada), mais popular do país, e pela criação do Diários Associados, o primeiro e maior grupo de comunicação do Brasil à época, comandado pelo empresário e jornalista Assis Chateaubriand.

É importante destacar ainda que:

Durante a ditadura do Estado Novo (1937-1945), o Presidente Getúlio Vargas teve uma política econômica nacionalista. Nessa época a 'cultura passou a ser considerada como um instrumento de organização política e disseminação ideológica'. Foi então que o governo de Getúlio Vargas utilizou os meios de comunicação, principalmente o rádio, para disseminar o novo valor ideológico no Brasil de um país uno e nacionalista (JAMBEIRO, 2002, p. 43 apud LEAL, 2009, p. 4).

Com a expansão do veículo, principalmente a partir dos anos 1940, a programação se torna mais diversificada e menos elitista. Foi um período marcado pelo Repórter Esso, tido

como "[...] a principal fonte de informação da época, o único que cobria fatos internacionais sobre a Segunda Guerra Mundial, a Guerra do Vietnã e a Copa Do Mundo” (DUARTE, 2002, p. 30 apud OLIVEIRA *et al.*, 2010, p. 5). Nesta mesma época, a Alemanha já realizava essas transmissões também pela televisão.

Entre meados dos anos 1940 e 1950, o rádio estava consolidado no Brasil e, é nesse contexto, que começam os “burburinhos” em torno da televisão. Quatro meses após a estreia da TV Tupi de São Paulo (1950-1980), entrava no ar a TV Tupi no Rio de Janeiro (1950-1981). Para se ter ideia do impacto do novo veículo de comunicação, “a TV Tupi-Difusora começou transmitindo imagens para apenas cerca de 500 aparelhos receptores na cidade de São Paulo, mas três meses depois já havia 2 mil aparelhos funcionando ali” (LEAL, 2009, p. 5 apud JAMBEIRO, 2002, p. 51). A programação - ainda transmitida em preto e branco - não conseguia abranger o grande público, assim como aconteceu no início do rádio, que serviu de modelo à televisão.

Uma forte característica do início da televisão foi o seu aspecto radiofônico com imagens. A imensa maioria dos primeiros profissionais da televisão eram aqueles que trabalhavam no rádio. Essa importação dos profissionais do rádio influenciou, inclusive, na programação da televisão, havendo uma adaptação dos programas radiofônicos para serem exibidos visualmente. (LEAL, 2009, p.6).

E, assim como o rádio, a televisão também enfrentou problemas até a sua consolidação:

É verdadeiro o fato de que as primeiras emissoras de televisão do País começaram de maneira precária e cheias de improvisações. Muitos anos foram necessários para que um esquema empresarial como o da Globo fosse implantado, facilitando o desenvolvimento da indústria televisiva como hoje a conhecemos. Vale salientar, entretanto, que a TV Excelsior, fundada em 1959 e cassada em 1970, foi considerada como a primeira emissora a ser administrada dentro dos padrões empresariais de hoje. Investindo na contratação dos mais talentosos profissionais da época, a Excelsior foi a emissora que primeiro criou vinhetas de passagem nos intervalos comerciais (FURTADO, 1988, p. 62 apud MATTOS, 1990, p. 12).

Um dia depois da estreia da TV, Chatô lançou o primeiro telejornal do Brasil: o *Imagens do Dia* (não existe um consenso sobre o período em que saiu do ar). O apresentador, Rui Resende, era quem produzia e redigia as notícias, “as frases eram longas e traziam muitos detalhes sobre os assuntos enfocados. Na transmissão da notícia, o locutor passava os acontecimentos como eles ocorriam e dava ao conteúdo todos os detalhes e adjetivos possíveis” (MELLO, 2008 apud SILVA *et al.*, 2021, p.5).

Em 1953, o telejornalismo alcançou visibilidade com a estreia do *Repórter Esso*, também da TV Tupi. O sucesso do programa, apresentado por Gontijo Teodoro, ficou registrado na história da televisão. O telejornal esteve no ar durante 18 anos, tendo como bordão: *Aqui fala o seu repórter Esso - testemunha ocular da história*. O jornal se tornou referência, em um

contexto em que o acesso ao aparelho ainda era restrito à boa parte da população. Cenário que se transforma com a chegada dos anunciantes. Nessa fase, “a televisão brasileira começa a se assemelhar com a americana tanto na estrutura comercial como na produção importada dos Estados Unidos não apenas programas, mas ideias, temas, roteiros e técnicas administrativas” (MELLO, 2008 apud SILVA *et al.*, 2021, p. 3).

Mattos (1990) destaca que:

Ao final da década de 50 já existiam 10 emissoras de televisão em funcionamento e, em 1962, o Código Brasileiro de Telecomunicações foi promulgado pela Lei No. 4.117/62, constituindo-se num grande avanço para o setor, pois, além de amenizar as sanções, dava maiores garantias às concessionárias. O Código inovava na conceituação jurídica das concessões de rádio e televisão, mas pecava em continuar atribuindo ao executivo poderes de julgar e decidir, unilateralmente, na aplicação de sanções ou de renovação de concessões (MATTOS, 1990, p. 12).

No ano de 1960, a chegada do videoteipe (VT) marca a consolidação da televisão como meio de comunicação. O VT possibilitou a gravação de sons e imagens em uma fita magnética, o que permitiu que as cenas fossem verificadas logo após o fim das gravações, contribuindo assim com o processo produtivo e com a eliminação de erros, “no âmbito dessa mudança, entra o 'Jornal de Vanguarda' pela TV Excelsior. Os jornalistas eram os produtores do jornal e na sua apresentação havia cronistas especializados em cada editoria” (MELLO, 2008 apud SILVA *et al.*, 2021, p. 4). É importante ressaltar que, TVs educativas também estavam começando a ser implantadas, como a TV Cultura.

A qualidade da seleção de imagens e a padronização do texto também marcavam essa nova fase do telejornalismo. Período em que aspectos vocais e estéticos começaram a ganhar ainda mais relevância. Dessa segunda fase, destaca-se “a absorção dos padrões de produção de programação pela televisão nacional. As empresas de televisão do eixo Rio-São Paulo reforçaram seu papel de intermediárias entre a indústria cultural multinacional e o mercado brasileiro” (MATTOS, 1990, p. 15).

Em 1964 - mesmo período em que as inovações tecnológicas avançavam - o Brasil vivenciava um golpe militar, que impactaria de forma significativa o jornalismo e seus profissionais. O *Jornal Vanguarda* (TV Excelsior) saiu do ar, assim como o *Repórter Esso*, que já estava em declínio na época. Neste cenário, “[...] os meios de comunicação de massa se transformaram no veículo através do qual o regime poderia persuadir, impor e difundir seus posicionamentos, além de ser a forma de manter o status quo após o golpe” (MATTOS, 2002, p. 34 apud LEAL, 2009, p.8).

A Ditadura Militar (1964-1985), no entanto, contribuiu para o crescimento da televisão no Brasil, devido a criação de órgãos estatais que lidavam com a produção de programas

culturais. Leis e decretos flexibilizaram as taxas dos serviços de comunicação, assim como garantiram isenção naqueles referentes à importação de equipamentos, “em 1968 era possível adquirir um televisor em até 36 vezes com juros muito baixos. O número de aparelhos de TV aumentou e, conseqüentemente, o número de telespectadores. Houve, então, o ‘boom da televisão’” (LEAL, 2009, p.8).

Quando os militares tomaram o poder, em 1964, o Brasil tinha cerca de dois milhões de aparelhos de TV. A partir de 1968, a recém-instalada indústria de eletroeletrônicos, associada a políticas de incentivos a ela concedidos pelo governo, e à lei de compra a crédito promulgada em 1968, fez aquele número crescer rapidamente: em 1969 havia quatro milhões e um ano depois cinco milhões de aparelhos de TV. Em 1974 esse número tinha crescido para cerca de nove milhões e os aparelhos de TV estavam presentes, então, em 43% dos lares brasileiros. (JAMBEIRO, 2002, p. 81 apud LEAL, 2009, p. 8).

No entanto, o "milagre econômico", como ficou conhecido, acelerou e intensificou as desigualdades sociais, “como resultado dessa estratégia de aceleração do desenvolvimento, (...) o Brasil tornou-se um dos países com maior distância socioeconômica entre a população pobre, de um lado, e as classes média e alta, de outro” (JAMBEIRO, 2002, p. 79 apud LEAL, 2009, p.9). Período em que reinava a repressão e a censura sobre notícias e/ou informações, filmes, músicas e qualquer outro conteúdo considerado contra os "princípios" do regime militar.

No período compreendido entre 1968 e 1979, os veículos de comunicação operaram sob as restrições do Ato Institucional nº 5, o qual concedia ao Poder Executivo federal o direito de censurar os veículos, além de estimular a prática da autocensura, evitando assim qualquer publicação ou transmissão que pudesse levá-los a ser enquadrados e processados na Lei de Segurança Nacional (MATTOS, 2002, p. 92 apud LEAL, 2009, p.10).

Em 1965, surge, com o respaldo do grupo financeiro Time/Life, aquela que seria a maior empresa de comunicação do país: a Rede Globo. A emissora, pioneira na importação de novas estratégias de comercialização, tinha como foco atender as necessidades da audiência, “ela passou da comercialização 'à moda do rádio' para técnicas bem mais avançadas criando patrocínios, vinhetas da passagem, breaks e outras inovações que continuam sendo utilizadas até os dias de hoje” (FURTADO, 1988, n.p apud MATTOS, 1990, p. 15).

### **1.3 Uma nova televisão**

O fim dos anos 1960 e o início dos anos 1970 marcam o fim da televisão improvisada, "a Rede Globo se consolida como Rede Nacional e passa a importar os conteúdos para os Estados Unidos da América através de microondas. O cenário era de quase um monopólio devido a alta audiência da emissora" (BORRELI; PRIOLLI, 2000, p.20 apud GARCIA, 2009, p.6). A transmissão da Festa da Uva em Caxias do Sul (1970) sinaliza a chegada das

transmissões em cores. Em 1972, a *Semp Toshiba* lançou no mercado o primeiro televisor colorido. A primeira telenovela a ser exibida nessa nova configuração foi *O Bem - Amado*, de Dias Gomes, que foi ao ar em 22 de janeiro de 1973, primeira produção de teledramaturgia do país a ser vendida para o exterior. Os anos 1970 foi marcado ainda pela mão do Estado no controle do conteúdo dos meios de comunicação, acirrando ainda mais a censura.

No período compreendido entre Médici e Geisel, de 1964 a 1979, a televisão brasileira foi diretamente influenciada pelo governo, que, além de promover o desenvolvimento técnico, começou a se preocupar também com o conteúdo dos programas. Nesse período, o Ato Institucional nº 5 (...), foi intensamente usado para cassar mandatos eletivos, para suspender o habeas corpus, para decretar intervenções federais sem qualquer salvaguarda constitucional etc. Também uma forte censura foi imposta aos meios de comunicação social, principalmente às emissoras de televisão e rádio. (MATTOS, 2002, p. 36 apud GARCIA, 2009, p. 6).

O período conturbado vivenciado pela televisão na época da ditadura traz como características o avanço da publicidade no meio, assim como a mão controladora do governo (MATTOS, 2002 apud GARCIA, 2009). A crescente participação da população nos programas de auditório, nesta época, também merece destaque. O formato vai consolidar a popularização dos ídolos da TV, que começaram a integrar o cotidiano de milhares de pessoas por meio da televisão.

A promulgação da Constituição de 1988, já em meio à abertura política, também marca uma nova fase da televisão no Brasil. O documento traz no artigo 220 o direito à livre manifestação do pensamento, que contraria a censura imposta pela ditadura. Já o artigo 221 reforça que as emissoras (rádio e TV) devem atender, em sua programação, o cunho educativo, artístico e cultural. A Carta acelera então a busca por uma programação livre e plural e não uma reprodução contínua de ideias e ideologias do Estado (GARCIA, 2009).

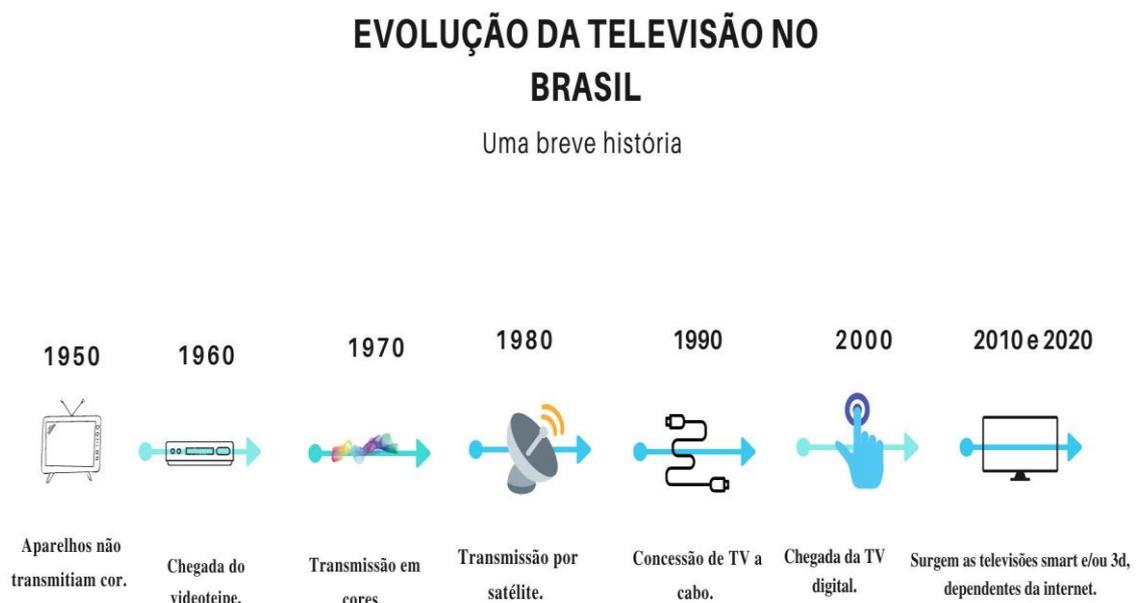
E é desse período ainda a entrada de repórteres ao vivo nos telejornais, o início de estudos para a programação *real-time* - em que o mesmo programa seria veiculado em tempo real para diferentes cantos do país - a implantação do primeiro satélite e o comercial nacional (BALAN, 2012). Os anos 1990 são caracterizados pelo “[...] surgimento estruturado da televisão por cabo, nos moldes americanos; um crescimento, ainda maior, do setor de videocassetes, o que em consequência, poderá estimular o aumento das produtoras de televisão independentes; uma maior regionalização e utilização de canais de televisão alternativos” (MATTOS, 1990, n.p).

A evolução tecnológica tornou os equipamentos cada vez mais portáteis: câmeras, VTs integrados às câmeras. Sistema de seleção de imagens, micro-ondas de pequenas dimensões, transmissores para satélites móveis etc. Isso permitiu a criação de sistemas

de geração de TV com o uso de satélites, com maior facilidade e agilidade (BALAN, 2012, p. 21).

Nos anos 2000, os aparelhos de tubo começam a dar lugar a eletrônicos cada vez mais finos e com mais tecnologia à disposição do telespectador. No que diz respeito à programação, a novidade são os *reality shows*, que davam os primeiros passos, como por exemplo o *No Limite* e o *Big Brother Brasil*. As TVS digitais propiciam imagens cada vez mais nítidas, e uma vasta disponibilidade de opções de *streaming*. Além das plataformas de *streaming*, as redes sociais, como o *YouTube*, já chamavam atenção (MANSQUE, 2022).

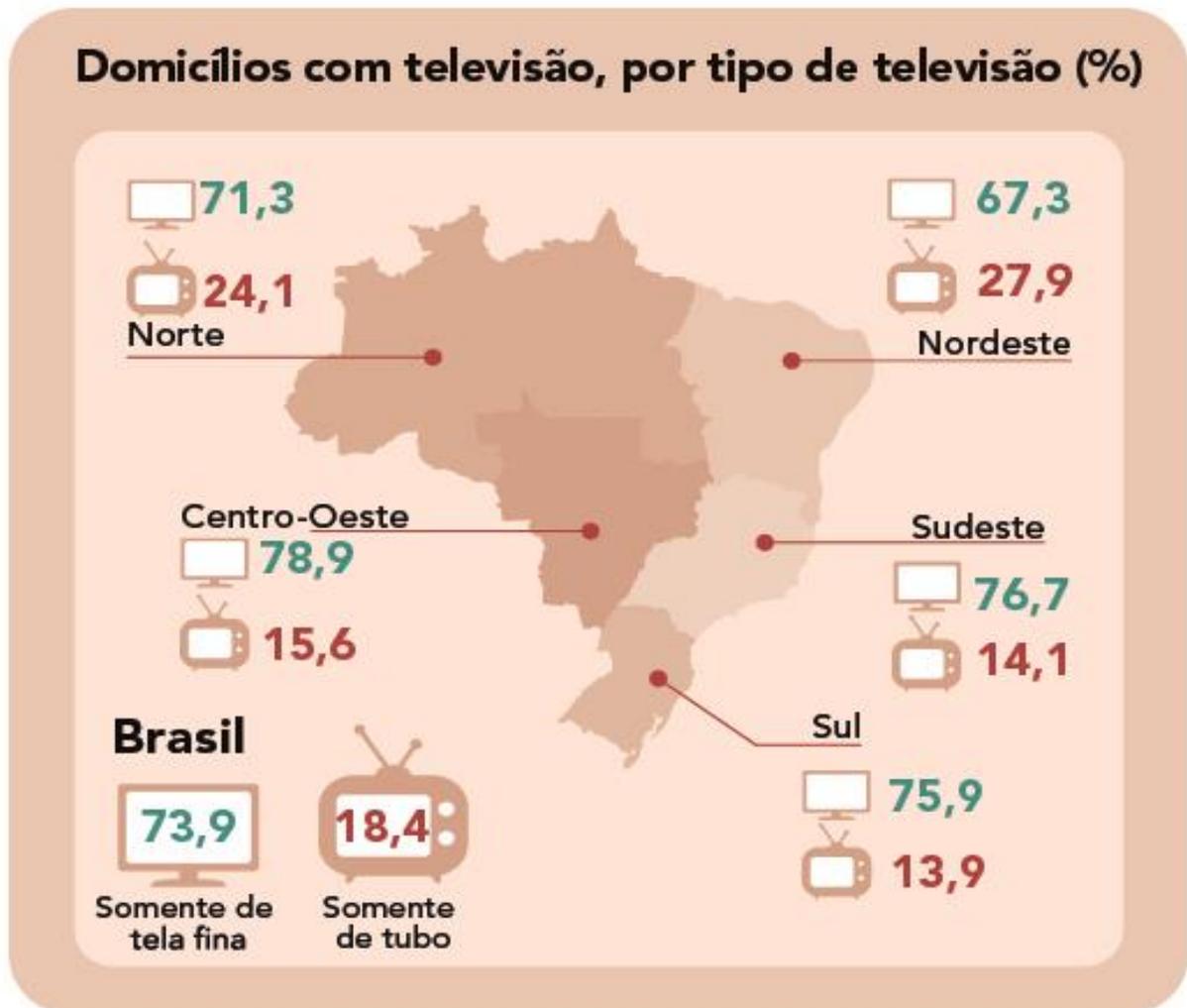
#### Quadro 1 - Evolução tecnológica da televisão



Fonte: BALAN (2012), MANSQUE (2022), GARCIA (2010).

Segundo a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2009, a televisão estava presente em 95,2% dos lares do Brasil, “essa porcentagem representa um país que, literalmente, se vê na televisão. Nela, perfis, cultura, informação, entretenimento e comoção são repartidos entre todos, independentemente de classe social, cor ou credo” (GARCIA, 2010, p. 3). Conforme a figura abaixo, os números de aparelhos de televisão no país continuam altos em 2019.

Quadro 2 – Domicílios com televisão em 2019



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação do Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

A televisão - que chegou ao Brasil em 18 de setembro de 1950 - inicialmente era um artigo de luxo, presente apenas nos lares de classe média e alta. Hoje, após sete décadas de existência, o aparelho encontra-se em quase todas as residências do país, como revela o quadro a seguir:

Quadro 3 - Número de televisores no Brasil ao longo dos anos



Fonte: MATTOS (1990), GANDRA (2018).

A história da televisão evidencia a importância desse veículo na sociedade brasileira e, conseqüentemente, seus impactos sociais. Esse dado reforça a necessidade de estudos capazes de uma reflexão aprofundada sobre a produção e o consumo em televisão e suas implicações nas diversas manifestações culturais e sociais, principalmente no que se refere à cidadania. Televisão que, como discutido anteriormente, ainda conserva espaço significativo nos lares do Brasil.

E para a compreensão da discussão aqui exposta, faz-se necessária a retomada do percurso histórico da cidadania, bem como suas transformações, uma vez que pelo percurso histórico será possível entender as novas demandas envolvendo o debate e o papel da comunicação nesse contexto. Vale ressaltar que, os meios de comunicação também são espaços importantes na promoção de direitos dos cidadãos, como o direito à vida, à moradia, ao trabalho, ao lazer, e, claro, ao meio ambiente. Meios necessários ainda na promoção de outras temáticas importantes na compreensão e consolidação da cidadania (REZENDE FILHO; CÂMARA NETO, 2001).

Contudo, a mesma mídia que se diz defensora desses direitos, torna-se, em alguns momentos, excludente, seja na definição de uma pauta, na escolha de uma fonte, ou no trato das várias temáticas sociais. No presente estudo, a questão perpassa a estética da locução de mulheres em um dos principais meios de comunicação do Brasil: a televisão. Ao impor uma padronização de locução, ignorando o regionalismo e as peculiaridades individuais presentes na fala, a mídia desconsidera a diversidade social tão cara ao próprio conceito de cidadania. O argumento central do presente trabalho é que essa dinâmica - ainda muito presente na televisão brasileira - impacta não apenas a diversidade, mas estimula o preconceito linguístico.

#### **1.4 Cidadania, história e desafios**

Antes do surgimento da sociedade greco-romana, os direitos relacionados à cidadania eram embasados na figura do governante (líder), somente os homens, considerados como chefes de família, do clã, ou até mesmo da aldeia, tinham as suas necessidades e interesses atendidos (LUIZ, 2007). Esses sujeitos eram considerados como o próprio retrato da divindade e impunham sobre os demais as suas vontades. Nesta época, ainda não se falava sobre o que de fato seria a cidadania, uma vez que “[...] a vontade do governante era o parâmetro para a ocorrência da guerra, da paz, da vida, da morte, da justiça ou da injustiça nos grandes impérios” (CHAUÍ, 1995, p. 372 apud LUIZ, 2007, p. 92).

Com a chegada de um novo modelo de sociedade, pautado entre os gregos e romanos pela política, o poder deixava de pertencer a um único indivíduo e passava a ser exercido por

uma nova perspectiva. A partir de então, a cidadania começa a dar os seus primeiros passos com a criação das *pólis*, também conhecidas como cidades-estados. Um período em que as discussões ganham os espaços públicos para serem votadas pelos que detinham o direito de cidadania. O indivíduo exercia os seus direitos e deveres através da política, mas a cidadania, mesmo com esse avanço, ainda era vista de forma limitada e estava longe de ser considerada como universal entre os gregos (LUIZ, 2007).

Isso porque alguns grupos da sociedade, como as mulheres, estavam excluídos desse contexto e não podiam participar da esfera pública. Escravos, estrangeiros e a população submetida ao controle militar também eram deixados de fora da tomada de decisões. Confundia-se, nesse período, o conceito de naturalidade com o conceito de cidadania, uma vez que para ter direito à cidadania, o indivíduo precisava ter nascido na Grécia.

A cidadania aparecia de forma tímida, principalmente no que se refere ao efetivo cumprimento das decisões políticas. Muitos cidadãos, cercados por restrições econômicas e valores ligados à família, permaneciam completamente alienados e tolhidos na expressão de atos políticos (ARENDE, 1995, p.37-47 apud REZENDE FILHO; CÂMARA NETO, 2001, p.3).

Em Roma, a realidade não se diferenciava muito, o direito à cidadania era baseado na noção de liberdade e só poderia ser concedido a indivíduos que não se encontravam em situação de submissão ou sujeição a outras pessoas (LUIZ, 2007). Ou seja, se tornar um cidadão romano era um direito reservado apenas para os grandes proprietários rurais, que detinham o poderio dos cargos públicos e religiosos. Nota-se ainda que, na sociedade greco-romana, a cidadania era exercida única e exclusivamente pelo patriarcado.

Num primeiro momento, somente os patrícios eram tidos como cidadãos com plenos direitos, uma vez que, ao se constituírem numa oligarquia rural, mantinham o monopólio de cargos públicos e mesmo dos religiosos (FUNARI, 2003, p. 50). Um exemplo foi a instituição política do Senado, que era formada pelo conselho de anciãos 'compostos originalmente pelos pais de família patrícios, os patres' (...) (LUIZ, 2007, p. 93)

Na Idade Média, a ideia de direitos igualitários entre homens e mulheres continuou distante. Com a chegada do feudalismo, o conceito, antes atrelado ao exercício político, se tornou uma espécie de ordem religiosa, comandada pelo clero e pela nobreza, com forte influência da Igreja Católica (REZENDE FILHO; CÂMARA NETO, 2001). Os poderes advindos da cultura religiosa eram garantidos apenas a alguns. Servos e mulheres permaneciam alheios ao poder público. Nesse período, a participação dos indivíduos na sociedade estava estabelecida pela noção de senhorio e serventia (LUIZ, 2007).

A estrutura de poder no feudalismo era gestada pela hegemônica presença da cultura religiosa católica, que legitimava inúmeras autoridades. O exercício do poder ocorria de forma hierárquica e inquestionável, ou seja, a distribuição desigual do poder era algo tão natural quanto qualquer fenômeno da natureza. Esta hierarquia medieval se nutria de valores e crenças de cunho religioso: ela era resultante, para os medievais, da vontade de Deus (LUIZ, 2007, p.3).

O Renascimento (século XIV a XVII) e seu contexto social, econômico e político, foi fundamental para a mudança desse cenário, novamente o conceito de cidadania se vincula à cidade. Espaço importante para a consolidação da noção de igualdade entre os cidadãos (LUIZ, 2007). Nesse aspecto, cresce a busca pela liberdade e as críticas aos impostos exigidos pelos senhores feudais e às doutrinas da igreja. O vislumbre por uma sociedade mais justa e autêntica, proporcionou um campo fértil para as revoluções (sociais, políticas e econômicas). Movimento que pode ser observado ainda nas artes e na ciência.

O Iluminismo - movimento intelectual que surgiu na Europa no século XVIII - coloca a racionalidade no centro do debate da cidadania, que passa a defender uma sociedade mais livre e igualitária (REZENDE FILHO; CÂMARA NETO, 2001). Rezende Filho e Câmara Neto (2001, p.7), salientam que “esses pensamentos procuravam, antes de tudo, regular as relações de poder, garantindo aos cidadãos livre atuação civil, econômica e política.” Os avanços nos campos da técnica e da política impactam diretamente o conceito de cidadania na modernidade.

Hoje, uma variedade de atitudes caracteriza a prática da cidadania. Assim, entendemos que um cidadão deve atuar em benefício da sociedade, bem como esta última deve garantir-lhe os direitos básicos à vida, como moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, trabalho, entre outros. Como consequência, a cidadania passa a significar o relacionamento entre uma sociedade política e seus membros (REZENDE FILHO; CÂMARA NETO, 2001, p.8).

Os movimentos sociais propiciaram a ampliação do conceito de cidadania. Hoje, na modernidade, seu sentido consegue englobar temas ligados ao meio ambiente, ao racismo e às questões de gênero. A cidadania é compreendida como a “[...] capacidade conquistada por alguns indivíduos, ou (no caso de uma democracia efetiva) por todos os indivíduos, de se apropriarem dos bens socialmente criados, de atualizarem todas as potencialidades de realização humana abertas pela vida social em cada contexto historicamente determinado” (COUTINHO, 1999, p. 42 apud LUIZ, 2007.).

### **1.5 Cidadania e cultura**

Um dos maiores desafios que permeiam o conceito de cidadania na atualidade é a busca pela garantia da identidade cultural. Nessa perspectiva, o respeito às diferenças torna-se uma discussão fundamental nas abordagens sobre os direitos humanos, “não queremos mais a

igualdade, parece. Ou a queremos menos, motiva-nos muito mais, em nossa conduta, em nossas expectativas de futuro e projetos de vida compartilhada, o direito de sermos pessoal e coletivamente diferentes uns dos outros” (PIERUCCI, 1999, p.7 apud CANDAU, 2008, p.47).

Lembrando que:

Todas as culturas comportam versões diferentes da dignidade humana, algumas mais amplas do que outras, algumas mais abertas a outras culturas do que outras. Os grupos culturais não são homogêneos e padronizados. É necessário identificar e potencializar aquelas versões mais abertas, amplas e que apresentam um círculo de reciprocidade mais amplo, que favoreçam o diálogo com outras culturas (SANTOS, 2006, p. 49 apud CANDAU, 2008).

Debate que percorre a discussão da cidadania no contexto de interculturalidade. Os seus principais pontos são considerados por Candau (2008, p.51) como um “confronto com todas as visões diferenciadas que favorecem processos radicais de afirmação de identidades culturais específicas, assim como com as perspectivas assimilacionistas que não valorizam a explicitação da riqueza das diferenças culturais.”

Como destaca Candau (2008, p.52):

A perspectiva intercultural [...] quer promover uma educação para o reconhecimento do 'outro', para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. A perspectiva intercultural está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade.

Nessa perspectiva das diferenças culturais que se fundamenta a discussão do presente trabalho, que coloca em debate a importância da diversidade linguística tão presente em um país com dimensão territorial como o Brasil (5º maior país do mundo). Pluralidade que integra a própria formação do povo brasileiro. Discussão que aponta para uma diversidade linguística que se vê dominada ainda pelo preconceito, “o cidadão segregado por apresentar sotaque de uma determinada região continuará sendo visto de forma estereotipada, sendo motivo de riso ou de chacota e assim por diante” (BERALDO, 2022).

Preconceito linguístico que, segundo o filósofo Marcos Bagno, “nada mais é do que todo juízo de valor negativo, de repulsa ou mesmo de desrespeito às variedades linguísticas, de menor prestígio social” (BERALDO, 2022). Definição que está alicerçada em três pilares: o preconceito socioeconômico, o regional e o cultural. Ambos se baseiam na crença de que pessoas pertencentes a classes sociais de baixa renda não possuem estudo, e, conseqüentemente, não sabem se comunicar dentro de uma sociedade.

Parte-se ainda da ideia de que regiões afastadas do Sudeste e Sul do Brasil, que englobam grandes centros econômicos como São Paulo e Rio de Janeiro, são sempre inferiores, e assim, precisam seguir o padrão de fala, expressão e comportamento estabelecidos nos grandes centros. Assim, ignoram que "embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade" (BERALDO, 2022). Ao discutir o tema na perspectiva da comunicação midiática, destaca-se que:

Cotidianamente vemos exemplos bem explícitos do preconceito linguístico sendo divulgados em rádios, nos jornais e principalmente na televisão. Esses sistemas têm o poder de criar estereótipos, fazendo o senso comum aceitar como verdadeiro retrato da sociedade. Então a mídia faz uma distorção do conceito de língua e não leva em conta que ela é a identidade do povo que a usa (JUNQUEIRA et al., 2012, p.3).

O preconceito linguístico, como citado, não ficou restrito apenas à gramática, mas ganhou espaço na imprensa e na dramaturgia. Um exemplo são os personagens das novelas, vindos do Nordeste, muitas vezes retratados de forma caricata. Personagens que, em sua maioria, estão restritos a papéis de faxineiras, babás e cozinheiras. Escrava Isaura, transmitida pela Rede Globo em 1976, também ganha destaque, pela forma com que retratava a fala dos escravos, taxadas como erradas. É bom destacar que

É através da linguagem que adquirimos a capacidade de pensar, organizar, de expressar e desenvolver nossas ideias. Nota-se que ela constitui e situa o homem historicamente, ratifica as crenças, estilo de vida e compõe os traços culturais de uma determinada sociedade, refletindo a identificação de cada indivíduo de acordo com seu status na comunidade (JUNQUEIRA et al., 2012, p.1).

A não representatividade da diversidade nos meios de comunicação estimula uma percepção equivocada da realidade. Ao promover a ideia da padronização, promove-se a concepção de um modelo único a ser adotado pela maioria, o que retroalimenta o preconceito. Por isso a importância de se garantir e estimular os espaços de diversidade na mídia. Só assim será possível reconhecer as diferenças, valorizar as culturas e possibilitar a representatividade do sujeito enquanto cidadão, principalmente em um país em que a afirmação da cidadania ainda se faz tão necessária.

Após Proclamação da Independência, no ano de 1822, o Brasil continuava a adotar posturas monarquistas e conservadoras. Dois anos depois da Proclamação, em 1824, quando foram estabelecidos os direitos políticos dos cidadãos, foi definido quem teria o direito de votar, homens com renda mínima de cem mil réis e maiores de vinte e cinco anos, excluindo as mulheres e os escravos. Ressalta-se que, o Brasil foi o último país a abolir a escravidão, o que só aconteceu depois do país sofrer pressão da Inglaterra e, assim, perder poder econômico.

Como salienta Carvalho (2002):

A herança colonial pesou mais na área dos direitos civis. O novo país herdou a escravidão, que negava a condição humana do escravo, herdou a grande propriedade rural, fechada à ação da lei, e herdou um Estado comprometido com o poder privado. Esses três empecilhos ao exercício da cidadania civil revelaram-se persistentes. A escravidão só foi abolida em 1888, a grande propriedade ainda exerce seu poder em algumas áreas do país e a desprivatização do poder público é tema da agenda atual de reformas (CARVALHO, 2002, p. 45).

Carvalho (2002) evidencia que, as oligarquias, formadas por famílias, controlavam a produção e a política, e, conseqüentemente as políticas sociais e econômicas, legislando em benefícios próprios, como obstáculo para a consolidação da cidadania no Brasil. Os privilégios eram (e ainda são) oferecidos para poucos (CARVALHO, 2002). Durante a urbanização e industrialização da cidade de São Paulo e Rio de Janeiro, as reivindicações para que houvesse regulamentações trabalhistas começaram a aflorar no país.

O movimento lutava por direitos básicos, como o de organizar-se, de manifestar-se, de escolher o trabalho, de fazer greve. Os operários lutaram também por uma legislação trabalhista que regulasse o horário de trabalho, o descanso semanal, as férias, e por direitos sociais como o seguro de acidentes de trabalho e aposentadoria (CARVALHO, 2002, p. 60).

O Brasil sofreria, ainda, um retrocesso significativo em termos de direitos de cidadania no período da ditadura militar (1964 - 1985). Os princípios como o da liberdade e da livre manifestação de pensamentos foram ignorados. Um cenário que impactou a imprensa e as artes, que sofreram, durante anos, uma dura repressão. Pode-se dizer que o exercício da cidadania, nesse contexto, foi interrompido. Além da censura, o cidadão passou a conviver com a violência física (tortura) e psicológica. A história registra inúmeros desaparecimentos e o fim dos direitos políticos. A abertura política viria no final dos anos 1980, que marca ainda a promulgação da Constituição de 1988 (Constituição Cidadã), principal símbolo da redemocratização do país.

## CAPÍTULO II

### 2 DIÁRIO DE PRODUÇÃO

Esta segunda seção, trata-se dos resultados do trabalho - que tem como objetivo abordar os impactos dessa padronização na subjetividade e expressão de mulheres em exercício profissional - foi produzido um podcast, em formato documental, que versa sobre o tema. Será discutido o conceito de podcast, um resgate da história desse formato processo de produção do podcast e a linguagem sonora, que integra as diversas fases do processo.

A pesquisa utilizou-se de entrevistas com: jornalistas que atuam em emissoras locais e nacionais, a pesquisadora em televisão Ana Carolina Rocha Pessôa Temer e a fonoaudióloga Carolina Moura Domingos. O material, que resultou no produto prático do trabalho, possibilitou à pesquisadora averiguar, a partir de experiências desses profissionais, o argumento central aqui apresentado, de que essa dinâmica impacta a diversidade, estimulando ainda o preconceito linguístico. A opção por profissionais mulheres vem da própria condição da pesquisadora que vivenciou a situação durante estágio do curso em um portal de notícias em Goiânia.

#### 2.1 Podcast

Com o surgimento e a expansão da internet, a forma de produção, distribuição e consumo de informação se modificou de forma significativa. Segundo a pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros, realizada em 2021 e divulgada em junho de 2022, pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), o percentual de residências aptas para acessar a rede mundial de computadores subiu de 71% para 82% em um período de dois anos.

**Quadro 4 – Equipamento utilizado para acessar por pessoas de 10 anos ou mais de idade.**



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018/2019.

A mesma pesquisa apontou ainda que, a internet foi usada por 81% da população brasileira em 2021. Com a pandemia da Covid-19, o processo de transformação dos meios de comunicação e a forma de se comunicar foram acelerados, ocasionando o “boom” de novas ferramentas para um público mais dinâmico, que quer consumir a informação de um jeito mais rápido, sem se sentir tão distante de quem está produzindo o conteúdo. Um exemplo dessa nova configuração é o podcast, que tem se tornado cada vez mais popular e presente nos diferentes veículos de comunicação.

O substantivo "podcast" é resultado da junção do Pod – *Personal On Demand* (produção sob demanda), retirada de *iPod* (eletrônico da marca Apple), com *broadcast* (radiodifusão). O material, em formato de áudio, é disponibilizado em dispositivos com acesso à internet (smartphones, televisões, computadores). Um dos grandes diferenciais é o acesso ao conteúdo a qualquer momento e em qualquer lugar.

O mercado oferece podcast de temas e formatos variados, comportando assuntos como política, educação, saúde, moda, religião, lazer, esportes e negócios. Podendo ser encontrados em formatos de entrevistas, reportagens, contos de histórias, ficção, aula etc., disponíveis em plataformas como *Spotify*, *Deezer* e *Apple Podcast*. Existem podcasts que lembram verdadeiras conversas, com destaque para convidados e mediadores.

Os primeiros passos do que viria a ser considerado como um podcast se deu em 1993, quando um profissional de TI americano Carl Malamud criou um programa chamado *Internet Talk Radio*. Malamud, tinha o costume de entrevistar colegas de profissão para falar o que poderia ser a internet do futuro. O termo, entretanto, se popularizou no início dos anos 2000, graças a Adam Cury, criador do agregador de podcast. No Brasil, o pioneiro foi o *digital minds*, criado pelo programador Danilo Medeiros, em 2004, que também falava sobre tecnologia. A partir desse ano, outros podcast foram surgindo, reforçando a proposta e difundindo o termo, de tal modo que um ano depois, em 2005, aconteceu a primeira Conferência Brasileira de Podcast (PodCon Brasil), constituindo assim, em 2006, a Associação Brasileira de Podcasters (LEITE, 2020).

Segundo a Associação Brasileira de Podcasters (ABPod), os principais momentos de consumo de podcast são: os tempos de deslocamentos (79%); atividades domésticas (68%), atividades físicas (46%); trabalho (39%); navegação na internet (38%); e antes de dormir (34%). De acordo com a pesquisa, os consumidores do formato buscam conhecimento e aprendizagem. Ressalta-se ainda que, o público dos podcast costuma apresentar o nível de escolaridade alta,

com 83% dos ouvintes tendo cursado, mesmo que de maneira incompleta, educação de nível superior.

Outro ponto da pesquisa, revela a preferência da audiência por conteúdos nacionais. Cerca de 62% dos ouvintes optam por conteúdos brasileiros. Em relação ao gênero, em 2019, 56% dos consumidores eram homens e 44% mulheres. Os dados demonstram uma mudança no cenário das produções, “em 2018, no ranking estava com produtores independentes e conteúdos sobre questões *nerds*, *games* e humor, atualmente, o topo do ranking é dominado por grandes produtoras como a Rede Globo, trazendo notícias e discussões sobre política e economia” (SUPERPLAYER&CO, 2020, s/p). O podcast tem contribuído para a visibilidade de temas ainda considerados tabus e de fontes de informações fora do circuito midiático, rompendo pautas da mídia tradicional. Uma vantagem do podcast é sua maior flexibilidade de produção, o que amplia as possibilidades de público produtor e distribuidor de conteúdos.

## **2.2 Produção de podcast**

### **2.2.1 Linguagem sonora**

A produção de podcast se difere das produções de outros meios de comunicação, como o impresso, os portais de notícias, os blogs, e, claro, a televisão. Esse último tem a imagem como atrativo principal para captar a atenção do público. Já o podcast é um produto sonoro, assim como o rádio. Por isso a necessidade de uma abordagem, mesmo que curta, da linguagem sonora. Linguagem constituída por textos (palavras), ruídos e/ou efeitos sonoros, música (trilhas sonoras) e silêncio.

Um dos elementos fortes da linguagem sonora é a voz:

A voz é em relação ao silêncio, o que é a escrita (no sentido gráfico) em relação à folha em branco. A escuta da voz inaugura a relação com o outro; a voz, que nos faz reconhecer os outros (como a letra sobre um envelope), dá-nos a conhecer sua maneira de ser, sua alegria ou sua tristeza, seu estado; transmite uma imagem do corpo do outro e, mais além, toda a psicologia (fala-se de voz quente, voz neutra etc.) (BARTHES, 1990, p. 224-225 apud VIANNA, 2014, p. 232).

Ao ouvir uma determinada voz no rádio e/ou no podcast é possível que o ouvinte pense nas mais diversas características de quem fala: altura, sexo, tonalidade da pele, postura corporal, religião e até mesmo escolhas políticas. Nesse ponto, a interpretação dada pelo locutor ao texto terá impacto direto na intencionalidade do que se pretende transmitir. O sentido ganha forma nas expressões do locutor/apresentador. Gomes (2006, p. 1) diz que:

A linguagem radiofônica, bem o sabemos, reúne elementos da oralidade, muitos de natureza paralinguística. Sendo linguagem falada, ainda que, ao narrar, o locutor

venha a se apoiar em texto escrito, o espaço simbólico que daí resulta permite a inserção de componentes que vão além do simples gosto por ouvir rádio. Na ausência de imagens eletrônicas, o rádio passa a evocar situações próprias do imaginário do ouvinte.

A escolha dos efeitos sonoros e da música também não devem ser ignorados, já que são fundamentais na construção de sentido para o ouvinte, “a emissão sonora de qualquer produto radiofônico provoca determinados efeitos de recepção nos ouvintes situados nas esferas racional, sensorial e emocional” (GOMES, 2006, p.3.) Elementos fundamentais na composição estética da produção, desde a vinheta de abertura do programa e/ou podcast ao BG (música ou ruído de fundo para a locução). Destaca-se que, nesse processo a relação cultural do ouvinte com o produto é fundamental, afinal:

O ouvinte desenvolve posturas que vão de encontro à tal prerrogativa: é um ator social, historicamente situado e constituído pelo seu *savoir-faire*, que compreende a dinâmica das intenções discursivas e que identifica o sentido das ações das pessoas na vida cotidiana, conforme um princípio etnometodológico, que tem como eixo norteador a idéia de que 'o ator social não é um idiota cultural' (COULON, 2006, p.3 apud GOMES, 2006).

Outro ponto de destaque para que a linguagem sonora funcione de maneira clara, cumprindo com o objetivo de captar a atenção do ouvinte ao que está sendo emitido, é dar a devida importância ao silêncio. Esse elemento, que integra a linguagem sonora, oferece sentido ao produto justamente pela “oposição que sugere aos demais elementos de uma peça, contrastando com os demais ruídos já existentes, seja a respiração ou outras funções fisiológicas” (VIANNA, 2014, p. 236.).

O silêncio pode ser: funcional, quando acompanha uma ação, quando dois personagens fazem uma grande pausa antes de continuar falando; expressivo, quando é utilizado para criar ou reforçar sentimentos, como, por exemplo, o sentimento de pesar, o luto, a homenagem a quem faleceu; descritivo, quando serve para descrever ou ambientar um espaço, como por exemplo, o ambiente silencioso de um hospital; ou narrativo, quando estrutura o conteúdo, ordenando o relato, separando as partes diferentes da história, como por exemplo, o silêncio pode sugerir o início e o fim de algumas cenas (ANTÓN, 2005, p. 236 apud VIANNA, 2014, p. 236).

Todos esses elementos (palavra, música, ruído e/ou efeitos sonoros e silêncio), quando utilizados de forma harmônica, possibilitam a criação de imagem por parte do ouvinte. Essa característica, inerente aos produtos sonoros, é fundamental na sobrevivência do próprio rádio, que antecede ao podcast. Produtos que buscam alcançar diferentes públicos, sem se apoiar em imagens prontas e sim na expressividade da linguagem sonora, que, por meio ainda dos efeitos sonoros, é capaz de possibilitar a identificação de uma cena, por exemplo.

Tudo depende da integração da forma com o conteúdo, da integração entre o estético e o semântico para que a comunicação seja eficaz e o meio traduza toda a sua

potencialidade expressiva a partir de seus próprios recursos narrativos. O rádio transmite sempre no presente individual de seu ouvinte e no presente social em que está inserido, ou seja, num contexto temporal compartilhado entre emissor e receptor. E é esta característica que distingue a linguagem radiofônica da fonográfica (BALSEBRE, 1994 apud BAUMWORCEL, 2005, p. 4).

Os sons (música, ruídos e/ou efeitos sonoros e palavras) humanizam um produto sonoro, aproximando o material do público ouvinte, atuando assim diretamente no seu imaginário. Ao apresentar o sistema semiótico do rádio, composto pela linguagem sonora, pelo ouvinte e pela tecnologia, para que ela alcance seus objetivos é fundamental a proximidade sociocultural dos elementos utilizados pelo produtor com o universo do público a quem o material se dirige (BALSEBRE, 1994 apud BAUMWORCEL, 2005). Essa observação deve estar presente na produção do podcast

## **2.3 Etapas da produção**

### ***2.3.1 Pesquisa do tema***

A pesquisa do tema iniciou-se em fevereiro de 2022 ainda durante a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I (TCCI). As orientações resultaram na parte teórica do projeto (seção I), finalizada no ano de 2022. Em um primeiro momento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a história da cidadania e seus desafios, no mundo e no Brasil. A pesquisa permeou, ainda, a história da televisão. O surgimento do rádio, que serviu durante anos como modelo para o novo veículo, também integra a seção. Em um segundo momento, a pesquisa bibliográfica perpassa o preconceito linguístico, seu conceito, construção social, bem como seus impactos. Integra essa etapa também o levantamento sobre a história do podcast, produto e/ou formato escolhido para a parte prática deste Trabalho de Conclusão de Curso.

### ***2.3.2 Entrevistas***

As entrevistas começaram a ser realizadas em setembro de 2022. A produção das pautas para as entrevistas pode ser conferida nos apêndices deste trabalho. As entrevistas foram realizadas pelo aplicativo de mensagens WhatsApp. A primeira entrevistada foi a doutora em comunicação social e professora da Universidade Federal de Goiás (UFG), Ana Carolina Temer, pesquisadora sobre a televisão brasileira. Temer, que estava fora de Goiânia à época do trabalho, foi de suma importância no entendimento de como o preconceito linguístico chegou à televisão, bem como sua consolidação no veículo.

A segunda entrevistada foi Danila Bernardes, jornalista, nascida em Mara Rosa (Goiás), repórter de três afiliadas da rede globo, TV Centro América (MT), TV Morena (MS), e TV

Verdes Mares (CE). A autora do presente trabalho participou de uma palestra realizada na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), na qual Danila abordou as dificuldades que teve no início da carreira por conta da voz/locução, por isso a escolha de seu nome.

Integra ainda as entrevistas, a jornalista Micheli Rosa, também de Goiás. A falta de sotaque em suas reportagens, que revela uma adequação ao padrão nacional, foi decisivo para sua participação no trabalho. Ambas as repórteres relatam no podcast momentos em que sofreram preconceito linguístico durante o exercício profissional.

A fonoaudióloga Carolina Moura foi a quarta entrevistada. A pesquisadora abordou a importância da fonoaudiologia na televisão. O material visa compreender como as empresas tratam as profissionais em exercício no que diz respeito a voz e fala e como as cobranças relacionadas a esses atributos, tão importante para jornalistas que atuam em televisão, foram sendo modificadas ao longo dos anos.

A quinta e última entrevistada, Karoline Fernandes, é repórter da Rede TV em Recife e é uma representante profissional da região Nordeste do país. O objetivo era conhecer seus desafios em relação ao preconceito linguístico. Karoline é repórter de rede nacional da emissora. O propósito da entrevista foi abordar, também, a importância da representatividade nordestina no telejornalismo e retratar vivências da repórter durante os anos de carreira.

### ***2.3.3 Decupagem***

O processo de decupagem das entrevistas se deu na segunda semana de novembro, fase fundamental para a montagem do roteiro (ver apêndices). Durante esse processo, as sonoras das entrevistas, que comporiam o material final (podcast), foram selecionadas e cortadas. O material bruto tem em média 1 hora. Os áudios, enviados por WhatsApp, tiveram entre 3 e 5 minutos, dependendo das perguntas realizadas.

Os áudios retratam as experiências das repórteres nas emissoras de televisão e os casos de preconceito linguístico a que foram submetidas, sobretudo em início de carreira. Foram separadas sonoras com duração, em média, de quarenta segundos a um minuto e meio, a depender da profundidade do que estava sendo abordado, para fazer parte do podcast.

O podcast foi complementado com: áudios da primeira cobertura jornalística realizada por uma televisão pela BBC de Londres; uma pequena parte da programação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro; e a vinheta de abertura do Repórter Esso no rádio e da TV Tupi São Paulo. Como discutido anteriormente, a linguagem dos produtos de áudio é constituída também de efeitos sonoros, são eles que viabilizam a construção de imagens visuais, a partir das pistas incorporadas ao roteiro pelo produtor.

Além disso, foi decupada uma pequena parte do programa Repórter Esso, veiculado na TV. Trata-se de um áudio de uma entrevista concedida pelo general Newton Cruz, realizada durante a ditadura militar; compõe ainda o podcast, um trecho da escalada do Jornal Nacional. O objetivo é ilustrar o padrão globo de vozes profissionais para a transmissão da notícia.

#### **2.3.4 Roteiro**

A elaboração do roteiro foi realizada na primeira semana de novembro de 2022, após a realização das entrevistas. As falas mais importantes das entrevistadas foram separadas, anexadas em arquivos e disponibilizadas em uma pasta do Google Drive para auxiliar no processo de edição. Assim, foi possível definir a ordem de entrada do material no podcast. A escolha das falas levou em conta o debate do preconceito linguístico sofrido pelas jornalistas em exercício profissional, principalmente no início de carreira. As especialistas (fonoaudióloga e pesquisadora em comunicação) contribuem no entendimento do preconceito linguístico, como ele se instaurou na televisão, antes mesmo do início do telejornalismo, e, claro, explicar a importância da voz como identidade cultural.

O roteiro buscou não adentrar ao sensacionalismo ou expor as personagens sem necessidade, mas sim trazer à tona o que acontece com jornalistas mulheres em exercício profissional no telejornalismo. O roteiro foi construído com uma visão humanizada e respeitosa para evidenciar o preconceito linguístico.

#### **2.3.5 Gravação e edição**

Após a gravação das entrevistas, decupagem e escrita do roteiro, realizados no mês de novembro, a autora do trabalho iniciou o processo de gravação dos OFFs do podcast. Esta etapa foi realizada no laboratório de rádio do Campus V da PUC Goiás. A vinheta foi gravada pela jornalista Joyce Vilela Merhi, que encaminhou o áudio pelo aplicativo WhatsApp. O material foi editado no laboratório de rádio da PUC Goiás, localizado na Avenida Fued José Sebba. A edição do produto é do técnico de rádio da instituição, o jornalista Nilson Ribeiro Filho.

#### **2.3.6 Fontes**

1) **Nome completo:** Ana Carolina Rocha Pessôa Temer

**Idade:** 64

**Profissão:** Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás (UFG), na linha de

pesquisa Mídia e Cidadania. Possui doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2001) e pós-doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas: Teorias da Comunicação, Televisão, Telejornalismo, e Gêneros Jornalísticos. Líder do Grupo de Pesquisa Televisão e Cidadania da UFG. Autora dos livros *Para Entender as Teorias da Comunicação* e *a Televisão em busca da Interatividade*. Orientadora de Doutorado.

**Data da entrevista:** 14/09/2022 - Telefone/WhatsApp

2) **Nome completo:** Danila Bernardes

**Idade:** 32

**Profissão:** Natural de Mara Rosa, interior de Goiás, possui graduação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás - 2013), com especialização em assessoria de comunicação e marketing pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Trabalhou como produtora, editora e repórter da TV Anhanguera, afiliada da Rede Globo em Goiânia (Goiás). Também atuou como repórter e apresentadora da TV Brasil Central (TBC). Atualmente é repórter e correspondente de três afiliadas da Globo, sendo TV Centro América (MT), TV Morena (MS), e TV Verdes Mares (CE).

**Data da entrevista:** 24/09/22 - Telefone/WhatsApp

3) **Nome completo:** Micheli Rosa Barbosa

**Idade:** 32

**Profissão:** Natural de Goiânia, Micheli Rosa se graduou em Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás - 2010). Quatro anos depois, se formou em Jornalismo pela mesma instituição. Estagiou na Record TV Goiás, sendo contratada pela emissora como produtora. Foi repórter da Record TV no Rio de Janeiro e da Record TV em São Paulo. Atualmente, Micheli atua como repórter da Record TV Goiás.

**Data da entrevista:** 22/09/2022 - Telefone/WhatsApp

4) **Nome completo:** Carolina Moura Domingos

**Idade:** 43 anos

**Profissão:** Carolina Moura, 42 anos, é natural do Rio de Janeiro. Formada na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, a fonoaudióloga é especialista em voz e coach. Seus estudos estão concentrados nas vozes de advogados, cantores e jornalistas. Atuou como

fonoaudióloga na Record TV Goiás. Atualmente, a fonoaudióloga, que também é advogada, é professora de cursos de oratória, palestrante e mentora de cursos de oratória e comunicação humana.

**Data da entrevista:** 10/10/22 - Telefone/WhatsApp

**5) Nome completo:** Karoline Maria Fernandes da Costa e Silva

**Idade:** 37

**Profissão:** A jornalista Karoline Fernandes é formada pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e doutoranda em Ciência da Informação pelo PPGCI/UFPE. Mestre em Comunicação pelo PPGCOM/UFPE e pós-graduada em Ciência Política pela Unicap. Atualmente, atua como repórter da Rede TV! em Recife. Foi professora universitária em instituições como Centro Universitário Maurício de Nassau (UniNassau) e Centro Universitário dos Guarapes (UNIFG), em que também foi coordenadora dos cursos de Jornalismo, Rádio e TV e Fotografia. Como jornalista profissional, passou por veículos como: rádio Jornal, rádio CBN, TV Band News PE, Agência Nordeste, TV Jornal e Jornal do Commercio. Neste período, conquistou alguns prêmios, entre eles: Prêmio Cristina Tavares de Jornalismo; III Prêmio Mestre Salustiano do Turismo de Pernambuco; 2º Prêmio Porto Digital de Jornalismo; 3º Prêmio Porto Digital de Jornalismo; 4 Prêmio Sebrae de Jornalismo e IX Prêmio Urbana de Jornalismo.

**Data da entrevista:** 24/10/2022 - Telefone/WhatsApp

## CONCLUSÃO

O percurso desta pesquisa, que buscou analisar a padronização estética da locução de repórteres no telejornalismo brasileiro e seus reflexos na subjetividade e expressão de mulheres em exercício profissional, colocou em evidência o preconceito linguístico. Apesar de tal fato ter diminuído, ele ainda está presente nos veículos de comunicação. Ao negar o direito do outro de assumir a sua identidade regional, a mídia acaba excluindo a cultura desses profissionais e, assim, negando a eles o direito à diferença.

O preconceito linguístico não nasce na televisão, mas acaba sendo propagado pelo veículo, a partir do momento em que se normatiza um modelo. Nesse contexto, o meio ignora a importância da representatividade das diferentes culturas que compõem o Brasil. Ao optar pela padronização estética da fala e da voz, acreditando na existência de um timbre perfeito, reforça-se a ideia de um sotaque aceitável socialmente. Uma das consequências, como pode ser conferido no podcast resultante desta pesquisa é a perda de identidade desses profissionais, que vivenciam uma pressão nos ambientes de trabalho.

Observa-se que existe uma necessidade de promover debates sobre o preconceito linguístico, que apesar de presente na sociedade, é tão pouco abordado. Entende-se que a não aceitação da forma de falar, escrever e expressar do outro, é um tipo de preconceito comum nos grandes centros do Brasil. Nas entrevistas com as profissionais, foram apontadas situações de constrangimento vivenciadas por elas.

O trabalho mostra a urgência dos meios televisivos explorarem novas realidades, vozes, estereótipos e culturas. Só assim será possível promover a interculturalidade, colocando em evidência as diferenças, tão necessárias à cidadania. Dessa forma, futuras gerações de profissionais, principalmente aquelas fora do eixo Rio-São Paulo, não passarão pelas situações aqui compartilhadas. Lembrando que a pluralidade nas redações é fundamental para o combate a todo tipo de preconceito.

Diante do exposto, fica evidente a importância de se pensar o exercício da comunicação dentro do processo de construção da cidadania. Os jornalistas, defendendo, devem exercer sua profissão a partir do respeito, tendo sua dignidade protegida. Digo isso não apenas como autora deste trabalho, mas como quem vivenciou os dramas aqui relatados enquanto estagiária em um veículo de comunicação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Karen Cristina Kraemer; DA SILVA, Rodolfo Sgorla; **História e Tecnologias da Televisão**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior (UBI); 2012. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abreu-silva-historia-e-tecnologias-da-televisao.pdf>. Acesso em: fev. 2022.
- RODRIGUES, Alex. **Em 2021, 82% dos domicílios brasileiros tinham acesso à internet**. Agência Brasil, 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-06/em-2021-82-dos-domicilios-brasileiros-tinham-acesso-internet>. Acesso em: jun. 2022.
- ALXQUEIROZ. **Jornal da Globo - William Bonner e Fátima Bernardes - 1989**. YouTube, 3 de janeiro de 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W2Sz7X8npPc>. Acesso em: set. 2022.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49ª ed. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, junho de 2007.
- BALAN, Willians Cerozzi. **Um breve olhar pela evolução da TV no Brasil, do início a cor**. Produção Profissional, v. Brasil, n. 124, p. 56-62, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/135075>. Acesso em: mai. 2022.
- BAUMWORCEL, Ana. **Armand Balsebre e a teoria Expressiva do rádio**. In: MEDITSCH, Eduardo. (org.). **Teorias do Rádio: Textos e Contextos**. vol.1. Florianópolis, Insular, 2005.
- BERALDO, Jairo. **"Preconceito linguístico"**. Brasil Escola. 2022. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/portugues/preconceito-linguistico.htm>. Acesso em: ago. 2022.
- Blog Superplayer & Coffee. **Dados e Estatísticas sobre o Consumo de Podcasts no Brasil**. [s.d.]. Disponível em: <https://superplayer.company/superplayer-site/dados-e-estatisticas-sobre-o-consumo-de-podcasts-no-brasil/>. Acesso em: nov. 2022.
- LEITE, Débora. **Podcasts: o surgimento de um novo meio de comunicação para publicidade**. Blog Benetton. 2020. Disponível em: <https://benettoncomunicacao.com.br/pt/blog/podcasts-o-surgimento-de-um-novo-meio-de-comunicacao-para-publicidade-1518/>. Acesso em: set. 2022.
- CANDAU, V. M. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Rev. Bras. Educ. [online]. vol.13, n.37, p.45-56. Jan./abr. 2008.
- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil. O longo caminho**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CESAR, Edu. **"Repórter Esso" na TV Tupi (06/06/1970)**. YouTube, 10 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cR4qDJGt5Es>. Acesso em: set. 2022.
- CINEMATOGRAFIA DIGITAL. **Coroação do Rei Jorge VI, em 1937 pela BBC**. Youtube, 10 de setembro de 2020. Disponível em: Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=M4UWFY4D9-M>. Acesso em: out. 2022.

EducaBras. **Tudo sobre Sociologia - Cidadania Brasileira**. 2022. Disponível em: [https://www.educabras.com/enem/materia/sociologia/aulas/cidadania\\_brasileira](https://www.educabras.com/enem/materia/sociologia/aulas/cidadania_brasileira). Acesso em: out. 2022.

G1. **81% da população brasileira acessou a internet em 2021, diz pesquisa; TV supera computador como meio**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/06/21/81percent-da-populacao-brasileira-acessou-a-internet-em-2021-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: nov. 2022.

GANDRA, Alana. **Pesquisa diz que, de 69 milhões de casas, só 2,8% não tem TV no Brasil**. Agência Brasil, 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-02/uso-de-celular-e-acesso-internet-sao-tendencias-crescentes-no-brasil>. Acesso em: jun. 2022.

GARCIA, Santiago Naliato. **A nossa telinha: a TV brasileira e seu desenvolvimento, do preto e branco ao digital, a partir de políticas públicas e comerciais**. São Paulo. 2009. Disponível em: <https://celacom.fclar.unesp.br/pdfs/80.pdf>. Acesso em: abr. 2022.

GARCIA, Santiago Naliato. **A televisão de 1970 e a de 2010: como assistimos aos jogos da Copa do Mundo de Futebol**. 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1775-1.pdf>. Acesso em: abr. 2022.

GOMES, Adriano Lopes. **O rádio e a experiência estética na constituição do ouvinte**. 2013. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt>. Acesso em: nov. 2022.

JUNQUEIRA, M. et al. **O preconceito linguístico na mídia televisiva**. v. XVI, p. 2459, [s.d.]. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xvi\\_cnlf/tomo\\_3/212.pdf](http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_3/212.pdf). Acesso em: out. 2022.

LEAL, Plínio Marcos. **Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil**. [s.d.]. Disponível em: <http://www.academia.edu>. Acesso em: mar. 2022.

LIMA, Paulo Henrique de. **Dalva de Oliveira TV TUPÍ 1970 (Vídeo Completo)**. YouTube, 14 de setembro de 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6AyNt957WJU>. Acesso em: mai. 2022.

LUIZ, L. T. A origem e evolução da cidadania. **Colloquium Humanarum**. ISSN: 1809-8207, v. 4, n. 1, p. 91–104, 2007.

MANSQUE, William. **Como a TV evoluiu no Brasil nos últimos 50 anos e o que vem pela frente**. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br>. Acesso em: nov. 2022.

MATTOS, Sérgio. **Um perfil da TV Brasileira (40 anos de história: 1950-1990)**. 1990. Disponível em: <https://andi.org.br/wp-content/uploads/2020/10/02.-Um-perfil-da-TV-brasileira.-40-anos-de-historia.pdf>. Acesso em: mar. 2022.

NOGUEIRA, Henrique. **Vinheta Tv Tupi - Varig (1966)**. YouTube, 11 de setembro de 2011. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=CDd3K\\_H898k](https://www.youtube.com/watch?v=CDd3K_H898k). Acesso em: out. 2022.

OLIVEIRA, D.; DE AMORIM, A.; CAMARGO, E. **Algumas considerações sobre a história do rádio no Brasil**. Anais do 6o Interprogramas de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, SP, 5 e 6 de novembro de 2010.

REZENDE FILHO, Cyro de Barros; CÂMARA NETO, Isnard de Albuquerque. **A evolução do conceito de cidadania**. Taubaté, Ciências Humanas, n. 2, v. 7, p. 17-23, 2001.

SAMUKA. **Vinheta repórter Esso na TV RECORD (1953-1970)**. YouTube, 12 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nh0dd13JNDg>. Acesso em: out. 2022.

SILVA, Daniela Alves et al., **Mudanças no telejornalismo e as demandas da expressividade dos apresentadores**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em Jornalismo) - Faculdade Anísio Teixeira. Feira de Santana, BA. 2021. Disponível em: <https://www.fat.edu.br/biblioteca/arquivos/jornalismo/TCC%20-%20DANIELA,%20JEFERSON,%20RAFAEL%20E%20RAIMUNDA%20-%2015-12-2021%20-%20sem%20apresentação.pdf>. Acesso em: out. 2022.

Spreaker e Tracto. 2020. **Como fazer um podcast: do equipamento à monetização**. Disponível em: <https://try.spreaker.com/como-fazer-um-podcast/>. Acesso em: nov. 2022.

VIANNA, G. V. G. DE M. Elementos sonoros da linguagem radiofônica: a sugestão de sentido ao ouvinte-modelo. **Galáxia (São Paulo)**, v. 14, n. 27, p. 227–240, jun. 2014.

## ANEXOS

### Anexo A – Termo de consentimento de uso da imagem e da voz

#### TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_, portador da RG sob n. \_\_\_\_\_, inscrito sob o nº CPF sob \_\_\_\_\_, autorizo, de forma total, definitiva e **gratuita**, a ampla utilização, sem restrição ou limitação, **para fins acadêmicos**, do meu nome, imagem e som de voz captados por ocasião de desenvolvimento de Trabalho de Conclusão de Curso.

As imagens e voz poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentação audiovisual, publicações e divulgações em exposições e festivais com ou sem premiações remuneradas nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet e em outras mídias futuras.

Além disso, cedo, de forma total, definitiva e **gratuita**, para a PUC Goiás, a totalidade dos direitos patrimoniais/autorais e dos direitos que lhe são conexos incidentes sobre a integralidade da concretização do trabalho.

**Tenho ciência e concordo que toda a minha participação na referida ação a ser realizada pela aluna do curso de Jornalismo será feita de forma gratuita, não havendo nenhuma espécie de remuneração, repasse financeiro ou benefício econômico em meu favor.**

#### **Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD)**

Todos os dados coletados neste termo de autorização serão arquivados na coordenação do curso de Jornalismo ao final do trabalho.

Goiânia, de setembro de 2022.

---

Assinatura

## APÊNDICE

### Apêndice A - Roteiro

#### Episódio 1 - Solta a sua voz

##### **TEC: VINHETA**

##### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**LOC:** OLÁ, EU SOU JORDANA AYRES. / A PARTIR DE AGORA, VOCÊ ACOMPANHA O PODCAST **SOLTA A TUA VOZ**, QUE COLOCA EM DEBATE A PADRONIZAÇÃO ESTÉTICA DA LOCUÇÃO DE MULHERES NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO. / O INTUITO DO PROJETO, QUE TRATA SOBRE OS IMPACTOS DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO NA AFIRMAÇÃO DA DIVERSIDADE, É ABORDAR OS REFLEXOS E CONSEQUÊNCIAS DA UNIFORMIZAÇÃO DA VOZ NO QUE DIZ RESPEITO À IDENTIDADE E A EXPRESSÃO DE MULHERES EM EXERCÍCIO PROFISSIONAL. //

##### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**LOC:** O PROJETO, QUE NASCEU NO INÍCIO DE 2022, TEM A PARTICIPAÇÃO DAS JORNALISTAS GOIANAS DANILA BERNARDES, CORRESPONDENTE DE TRÊS AFILIADAS DA REDE GLOBO: TV CENTRO AMÉRICA, DO MATO GROSSO, TV MORENA, DO MATO GROSSO DO SUL E TV VERDES MARES, DO CEARÁ E MICHELI ROSA, ATUAL REPÓRTER DA RECORD TV GOIÁS. / A PERNAMBUCANA KAROLINE FERNANDES, REPÓRTER NACIONAL DA REDE TV TAMBÉM INTEGRA O TRABALHO. //

**LOC:** CONTRIBUEM AINDA PARA A DISCUSSÃO A PESQUISADORA EM TELEVISÃO E AUTORA DOS LIVROS: PARA ENTENDER AS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO E A TELEVISÃO EM BUSCA DA INTERATIVIDADE, DOUTORA ANA CAROLINA ROCHA PESSÔA TEMER E A FONOAUDIÓLOGA CAROLINA MOURA DOMINGOS. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**LOC:** ANTES DE ENTENDER O QUE É O PRECONCEITO LINGUÍSTICO, É NECESSÁRIO VOLTAR NO TEMPO, MAIS PRECISAMENTE EM MIL 817, NO INÍCIO DA TELEVISÃO. / APESAR DE TER SE TORNADO CONHECIDA APENAS NO SÉCULO VINTE, A “CAIXA DE LUZ” COMEÇA A DAR OS PRIMEIROS PASSOS A PARTIR DE EXPERIMENTOS QUÍMICOS. / O SELÊNIO, POR EXEMPLO, ERA CAPAZ DE TRANSFORMAR A ENERGIA LUMINOSA EM ENERGIA ELÉTRICA. / MAS FOI SÓ EM MIL 884 QUE PAUL NIPKOW CONSTATOU A POSSIBILIDADE DA TRANSMISSÃO DE IMAGENS A DISTÂNCIA. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**LOC:** A INVENÇÃO DO RÁDIO, EM MIL 896, TAMBÉM ESTIMULOU UMA MAIOR CURIOSIDADE DOS PESQUISADORES SOBRE A POSSIBILIDADE DE UM APARELHO QUE, ALÉM DE PRODUZIR SONS, TRANSMITISSE IMAGENS. / NO CONGRESSO INTERNACIONAL DE ELETRICIDADE, REALIZADO EM PARIS, EM 1900, FOI APRESENTADA UMA TESE QUE DESCREVA O FUNCIONAMENTO DE UM EQUIPAMENTO COM BASE NAS PROPRIEDADES FOTOCONDUTORAS DO SELÊNIO, POSSIBILITANDO ASSIM, A TÃO SONHADA TRANSMISSÃO A DISTÂNCIA. //

**LOC:** O TÍTULO DO TRABALHO FEZ SURGIR O NOME DO INVENTO: TELEVISÃO. / PERSKYI, AUTOR DA TESE, REUNIU OS TERMOS *TEVE* (TRADUZIDO EM GREGO POR LONGE) E *VIDERE*, QUE EM LATIM SIGNIFICA VISÃO. / VINTE ANOS DEPOIS, JOHN LOGIE BAIRD, INSPIRADO NOS EXPERIMENTOS DE NIPKOW, REALIZOU AS PRIMEIRAS TRANSMISSÕES ATRAVÉS DE UM SISTEMA MECÂNICO. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**LOC:** EM MIL 928 SURGIRAM AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COM A TELEVISÃO EM CORES A PARTIR DA EXPLORAÇÃO DAS IMAGENS COM LUZ VERMELHA, VERDE E AZUL, PRINCÍPIOS QUE REGEM A TELEVISÃO COLORIDA ATÉ HOJE. / NOS ANOS MIL 930 FOI INAUGURADA A (BBC), - UMA DAS CORPORAÇÕES DE

COMUNICAÇÃO MAIS CONSAGRADAS DO MUNDO E PIONEIRA NA TRANSMISSÃO DE UM PROGRAMA DE TELEVISÃO. //

**LOC:** UMA DAS TRANSMISSÕES DE MAIOR RELEVÂNCIA HISTÓRICA PARA A TELEVISÃO FOI REALIZADA EM MIL 936 ATRAVÉS DA B-B-C DE LONDRES: A CERIMÔNIA DE COROAÇÃO DO REI GEORGE SEXTO DA GRÃ BREITANHA. / CERCA DE 50 MIL TELESPECTADORES ASSISTIRAM AO EVENTO, CONSOLIDANDO ASSIM A IMPORTÂNCIA DA TELEVISÃO NO MUNDO. //

**TEC: SOBE E DESCE COBERTURA REI GEORGE VI BBC (10:49 - 11:04)**

**LOC:** NO BRASIL, A TELEVISÃO CHEGOU DE MANEIRA TARDIA. / A ESTREIA FOI NO DIA 18 DE SETEMBRO DE MIL 950, ÀS 17 HORAS, NA CIDADE DE SÃO PAULO. / O RESPONSÁVEL PELA CHEGADA DA TV EM TERRITÓRIO NACIONAL FOI ASSIS CHATEAUBRIAND, OU SIMPLEMENTE “CHATÔ”, COMO FICOU CONHECIDO O CONTROVERSO EMPRESÁRIO. //

**LOC:** O RÁDIO, NO ENTANTO, JÁ FAZIA PARTE DO COTIDIANO DOS BRASILEIROS DESDE OS ANOS MIL 920. / PERÍODO MARCADO PELAS RÁDIOS CLUBES OU SOCIEDADES, FORMADAS POR MEMBROS DA ELITE SOCIAL DO PAÍS. / UMA DAS MAIS REPRESENTATIVAS FOI A RÁDIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO, PRIMEIRA EMISSORA OFICIAL EM TERRAS BRASILEIRAS E QUE TINHA COMO LEMA A EDUCAÇÃO E A CULTURA. / NA PROGRAMAÇÃO ERAM ENCONTRADOS TEMAS DE LITERATURA, CIÊNCIA, ECONOMIA E MÚSICA CLÁSSICA. //

**TEC: RODAR A VINHETA DA RÁDIO SOCIEDADE DO RIO DE JANEIRO (OU DE ALGUMA PROGRAMAÇÃO DA EMISSORA)**

**LOC:** ESTE ANO, INCLUSIVE, O RÁDIO COMEMORA 100 ANOS DE EXISTÊNCIA NO BRASIL. / E VEJA A COINCIDÊNCIA, MARIA BEATRIZ ROQUETTE PINTO, FILHA DO PAI DO RÁDIO NO BRASIL, ROQUETTE PINTO, FOI A PRIMEIRA MULHER BRASILEIRA A SE TORNAR LOCUTORA. / ISSO EM UM PERÍODO MARCADO PELAS RESTRIÇÕES DAS MULHERES EM ESPAÇOS PÚBLICOS. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**LOC:** EM MEADOS DOS ANOS MIL 940 E MIL 950, O RÁDIO ESTAVA CONSOLIDADO NO BRASIL E JÁ ERA MENOS ELITISTA. / O VEÍCULO VIVIA SUA ERA DE OURO. / PROGRAMAS COMO REPÓRTER ESSO (**RODAR A ABERTURA DO PROGRAMA**) MARCARIAM A HISTÓRIA DO VEÍCULO. / E É NESSE CONTEXTO QUE COMEÇAM OS “BURBURINHOS” EM TORNO DA TELEVISÃO. / QUATRO MESES DEPOIS DA ESTREIA DA TV TUPI DE SÃO PAULO, QUE FICOU NO AR ENTRE OS ANOS DE MIL 950 E MIL 980, ENTRAVA NO AR A TV TUPI NO RIO DE JANEIRO. //

**TEC: RODAR VINHETA DE ABERTURA DA TV TUPI DE SÃO PAULO (00:00 ATÉ 00:12)**

**LOC:** UMA FORTE CARACTERÍSTICA DO INÍCIO DA TV FOI O SEU ASPECTO RADIOFÔNICO, SÓ QUE COM IMAGENS. / LEMBRANDO QUE OS PRIMEIROS PROFISSIONAIS DA TELEVISÃO VIERAM EXATAMENTE DO RÁDIO. / ESSA IMPORTAÇÃO DOS PROFISSIONAIS INFLUENCIOU NA PROGRAMAÇÃO DA TELEVISÃO, HAVENDO UMA ADAPTAÇÃO DOS PROGRAMAS RADIOFÔNICOS PARA SEREM EXIBIDOS "VISUALMENTE". //

**LOC:** EM MIL 953 O TELEJORNALISMO ALCANÇOU VISIBILIDADE COM A ESTREIA DO REPÓRTER ESSO, AGORA NA TV TUPI. //

**TEC: TRECHO DO PROGRAMA ESSO NA TV (ÚNICO EM 00:15 ATÉ 00:34)**

**LOC:** O SUCESSO DO PROGRAMA FICOU REGISTRADO NA HISTÓRIA DA TELEVISÃO EM UMA ÉPOCA EM QUE O ACESSO AO APARELHO AINDA ERA RESTRITO À BOA PARTE DA POPULAÇÃO. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**LOC:** A TELEVISÃO BRASILEIRA, NO FINAL DOS ANOS MIL 950, COMEÇA A SE ASSEMELHAR COM A TV AMERICANA, NA ESTRUTURA COMERCIAL, NA

PRODUÇÃO E EM RELAÇÃO AOS ASPECTOS ADMINISTRATIVOS. / NO FINAL DE MIL 950 JÁ EXISTIAM 10 EMISSORAS DE TELEVISÃO EM FUNCIONAMENTO NO PAÍS. //

### **TEC: SOBE E DESCE BG**

**LOC:** EM MIL 964, MESMO PERÍODO EM QUE AS INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS AVANÇAVAM, O BRASIL VIVENCIOU UM GOLPE MILITAR, QUE IMPACTARIA DE FORMA SIGNIFICATIVA O JORNALISMO. / O REPÓRTER ESSO SAIU DO AR E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA SOFRERAM DURAS PERSEGUIÇÕES. / A DITADURA MILITAR, NO ENTANTO, CONTRIBUIU PARA O CRESCIMENTO DA TELEVISÃO NO BRASIL DEVIDO A CRIAÇÃO DE ÓRGÃOS ESTATAIS QUE LIDAVAM COM A PRODUÇÃO DE PROGRAMAS CULTURAIS. /

**LOC:** JÁ NA ECONOMIA, O MILAGRE ECONÔMICO, COMO FICOU CONHECIDO, ACELEROU E INTENSIFICOU AS DESIGUALDADES SOCIAIS NO PAÍS. / REINAVA A REPRESSÃO E A CENSURA SOBRE NOTÍCIAS, INFORMAÇÕES, FILMES, MÚSICAS E QUALQUER OUTRO CONTEÚDO CONSIDERADO CONTRA OS "PRINCÍPIOS" DO REGIME MILITAR. / O FIM DOS ANOS MIL 960 E O INÍCIO DOS ANOS MIL 970 MARCAM O FIM DA TELEVISÃO IMPROVISADA. //

**LOC:** A PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO DE MIL 988, JÁ EM MEIO À ABERTURA POLÍTICA, TAMBÉM DEMARCA UMA NOVA FASE DA TELEVISÃO NO BRASIL. / O DOCUMENTO TRAZ NO ARTIGO 220 O DIREITO À LIVRE MANIFESTAÇÃO DO PENSAMENTO, QUE CONTRARIA A CENSURA IMPOSTA PELA DITADURA. / JÁ O ARTIGO 221 REFORÇA QUE AS EMISSORAS (RÁDIO E TV) DEVEM ATENDER, EM SUA PROGRAMAÇÃO, O CUNHO EDUCATIVO, ARTÍSTICO E CULTURAL. / A CARTA ACELERA ENTÃO A BUSCA POR UMA PROGRAMAÇÃO LIVRE E PLURAL E NÃO UMA REPRODUÇÃO CONTÍNUA DE IDEIAS E IDEOLOGIAS DO ESTADO. //

**LOC:** E É DESSE PERÍODO AINDA A ENTRADA DE REPÓRTERES AO VIVO NOS TELEJORNALIS E O INÍCIO DE ESTUDOS PARA A PROGRAMAÇÃO EM TEMPO REAL. / A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA TORNOU OS EQUIPAMENTOS CADA VEZ

MAIS PORTÁTEIS: CÂMERAS, VTS INTEGRADOS ÀS CÂMERAS, SISTEMA DE SELEÇÃO DE IMAGENS, MICROONDAS DE PEQUENAS DIMENSÕES, TRANSMISSORES PARA SATÉLITES MÓVEIS ETC. / ISSO PERMITIU A CRIAÇÃO DE SISTEMAS DE GERAÇÃO DE TV COM O USO DE SATÉLITES, COM MAIOR FACILIDADE E AGILIDADE. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**LOC:** A HISTÓRIA DA TV EVIDENCIA A IMPORTÂNCIA DO VEÍCULO NA SOCIEDADE BRASILEIRA E CONSEQUENTEMENTE SEUS IMPACTOS SOCIAIS, PRINCIPALMENTE NO QUE SE REFERE À CIDADANIA E À CULTURA. / PARA SE TER IDEIA DA IMPORTÂNCIA DO VEÍCULO NO PAÍS, A TELEVISÃO, EM 2021, ESTAVA PRESENTE EM 96 VÍRGULA DOIS POR CENTO DAS MORADIAS URBANAS E 90 VÍRGULA OITO POR CENTO DAS RURAIS, CONFORME PESQUISA DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. //

**LOC:** VALE RESSALTAR QUE OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO TAMBÉM SÃO ESPAÇOS IMPORTANTES NA PROMOÇÃO DE DIREITOS DOS CIDADÃOS, COMO O DIREITO À VIDA, À MORADIA, AO TRABALHO, AO LAZER, E, CLARO, AO MEIO AMBIENTE. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**LOC:** CONTUDO, A MESMA MÍDIA QUE SE DIZ DEFENSORA DESSES DIREITOS, TORNA-SE, EM ALGUNS MOMENTOS, EXCLUDENTE, SEJA NA DEFINIÇÃO DE UMA PAUTA, NA ESCOLHA DE UMA FONTE, OU NO TRATO DAS VÁRIAS TEMÁTICAS SOCIAIS. / AO IMPOR UMA PADRONIZAÇÃO DE LOCUÇÃO, IGNORANDO O REGIONALISMO E AS PECULIARIDADES INDIVIDUAIS PRESENTES NA FALA, DISCUSSÃO PROPOSTA NESTE PODCAST, A MÍDIA DESCONSIDERA A DIVERSIDADE SOCIAL TÃO CARA AO PRÓPRIO CONCEITO DE CIDADANIA. //

**LOC:** E É AQUI QUE FALAMOS EM PRECONCEITO LINGUÍSTICO. / A PROFESSORA E PESQUISADORA DE TELEVISÃO, DOUTORA ANA CAROLINA TEMER, QUE É

PROFESSORA DE PÓS-GRADUAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, EXPLICA COMO ESSE PROCESSO SE CONSTITUIU. //

**TEC: SONORA 1 ANA CAROLINA TEMER (COMEÇA EM 00:00 - 01:26 “PRINCIPALMENTE A REDE GLOBO.... SUDESTINO)**

**LOC:** VALE LEMBRAR QUE UM DOS MAIORES DESAFIOS QUE PERMEIA O CONCEITO DE CIDADANIA NA ATUALIDADE É A BUSCA PELA GARANTIA EXATAMENTE DA IDENTIDADE CULTURAL. / O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS TORNA-SE UMA DISCUSSÃO FUNDAMENTAL NAS ABORDAGENS SOBRE OS DIREITOS HUMANOS. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**LOC:** PARA QUEM NÃO CONHECE, O PRECONCEITO LINGUÍSTICO SE CONSTITUI NA CRENÇA DE UMA ÚNICA FORMA CORRETA DE SE FALAR, SEJA NA GRAMÁTICA, NO JORNALISMO E ATÉ MESMO NA DRAMATURGIA. / UM PRECONCEITO QUE TEM ORIGEM, PRINCIPALMENTE, NA ELITE ECONÔMICA. / A PROFESSORA ANA CAROLINA TEMER EXPLICA QUE OS TIPOS DE PRECONCEITOS LINGUÍSTICOS MAIS RECORRENTES NA MÍDIA BASEIAM-SE, PRINCIPALMENTE NO SOTAQUE E NO TIMBRE DA VOZ. //

**TEC: SONORA 2 ANA CAROLINA TEMER (00:19 - A QUESTÃO DO TIMBRE DIZ RESPEITO.... ATINGIR TODA POPULAÇÃO BRASILEIRA... 1:14)**

**LOC:** O TIMBRE PERFEITO ESTAVA DIRETAMENTE RELACIONADO À VOZ MASCULINA, PRESENTE NO RÁDIO, O QUE TAMBÉM COLOCA EM FOCO O PRECONCEITO DE GÊNERO. / APESAR DA PRESENÇA DE MULHERES NO VEÍCULO, O TIMBRE VOCAL DAS LOCUTORAS ERA CONSIDERADO COMO FRACO E FRÁGIL, DIFERENTEMENTE DA LOCUÇÃO DE HOMENS, CONSIDERADA, ATÉ POUCO TEMPO ATRÁS, COMO O IDEAL DA VOZ JORNALÍSTICA, COMO POR EXEMPLO, O JORNALISTA CID MOREIRA. //

**TEC: SONORA 3 ANA CAROLINA TEMER (00:00 “A PRESENÇA FEMININA.... ATÉ 1:52 UM TOQUE COLORIDO AO QUE É O POVO”).**

**LOC:** A NÃO REPRESENTATIVIDADE DA DIVERSIDADE NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO ESTIMULA, INFELIZMENTE, UMA PERCEPÇÃO EQUIVOCADA DA REALIDADE. / AO PROMOVER A IDEIA DA PADRONIZAÇÃO, PROMOVESSE TAMBÉM A CONCEPÇÃO DE UM MODELO ÚNICO A SER ADOTADO PELA MAIORIA, O QUE RETROALIMENTA O PRECONCEITO. / POR ISSO A IMPORTÂNCIA DE SE GARANTIR E ESTIMULAR OS ESPAÇOS DE DIVERSIDADE NA MÍDIA. //

**TEC: SONORA 4 ANA CAROLINA TEMER (00:00 “HÁ UMA EXCLUSÃO SÚTIL..... 1:34 AFETA SIM A CIDADANIA DESSAS PESSOAS)**

**LOC:** A REPÓRTER DANILA BERNARDES, DE 32 ANOS, É NATURAL DE MARA ROSA, CIDADE LOCALIZADA A 360 QUILÔMETROS DA CAPITAL GOIANA. / A JORNALISTA COMEÇOU A SONHAR COM A PROFISSÃO QUANDO AINDA ERA UMA CRIANÇA, SEGUNDO ELA, POR AMAR A LÍNGUA PORTUGUESA. //

**LOC:** QUANDO ENTROU NA FACULDADE, DANILA, QUE SE FORMOU NA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, PENSAVA EM TRABALHAR COM JORNAL IMPRESSO, MAS ACABOU TRILHANDO O CAMINHO DO TELEJORNALISMO, DEVIDO AO INCENTIVO DE UM PROFESSOR. / A PARTIR DE ENTÃO, NUNCA MAIS SAIU DE FRENTE DAS CÂMERAS. //

**LOC:** APESAR DAS REALIZAÇÕES, O INÍCIO DE CARREIRA NÃO FOI FÁCIL. / A JORNALISTA CONTA QUE SOFRIA MUITA RESISTÊNCIA DOS CHEFES EM RELAÇÃO AO SOTAQUE QUE CARREGA E AO TOM DE VOZ, MESMO TRABALHANDO EM EMISSORAS LOCAIS. //

**TEC: SONORA 1 DANILA BERNARDES (INÍCIO EM 1:13 “EU SEMPRE TIVE UMA VOZ MUITO AGUDA... SITUAÇÃO MUITO DIFÍCIL DE LIDAR... 2:15)**

**LOC:** DANILA AFIRMA NÃO SABER SE O SOTAQUE ATRAPALHOU AS OPORTUNIDADES NA CARREIRA, MAS REFORÇA QUE O REGIONALISMO

PRESENTES NA VOZ, CRITICADOS PELAS CHEFIAS, A LEVARAM A UMA AUTOCOBANÇA PERMANENTE. //

**TEC: SONORA 2 DANILA INÍCIO EM 00:17 “EU TIVE UM PROCESSO MUITO LONGO E DIFÍCIL.... ATÉ EVOLUÇÃO 00:55”**

**LOC:** FORMADA EM 2009, A JORNALISTA ACREDITA QUE A TELEVISÃO VEM DANDO PASSOS DE PROGRESSO EM RELAÇÃO A ACEITAÇÃO DA IDENTIDADE DE REPÓRTERES E ATÉ MESMO ATORES DE NOVELAS, O QUE NÃO ACONTECIA ATÉ POUCO TEMPO ATRÁS. //

**SON DANILA 3 INÍCIO EM 00:14 “É DIFÍCIL VOCÊ LIDAR COM PESSOAS DE OUTROS ESTADOS QUE QUEREM IMPOR UM PADRÃO... ATÉ 1:34 UM EDITOR, UM COLEGA....)**

**LOC:** MOTIVOS PARA DESISTIR NÃO FALTARAM, MAS DANILA PERSISTIU ATÉ QUE CONSEGUISSSE SE SENTIR DE FATO PREPARADA PARA A REPORTAGEM. / APESAR DE MUITO ESFORÇO E DEDICAÇÃO, A JORNALISTA LEMBRA QUE ENXERGAVA NA SUA IDENTIDADE REGIONAL UM PROBLEMA. //

**TEC: SONORA 4 DANILA BERNARDES INÍCIO EM 00:27 “EU REALMENTE ACHAVA QUE ESTAVA EM UM PROCESSO DE CRESCIMENTO... EM ALGUNS MOMENTOS EU SERVIA, EM OUTROS, NÃO SERVIA MAIS... 01:33.**

**LOC:** PARA A TAMBÉM GOIANA MICHELI ROSA, O INÍCIO DE CARREIRA NÃO FOI FÁCIL. / A PRIMEIRA FORMAÇÃO DA JORNALISTA, QUE JÁ ATUOU COMO REPÓRTER LOCAL E NACIONAL NO RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO, AMBAS NO SUDESTE DO PAÍS, FOI EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA. //

**LOC:** E FOI NO PERÍODO DE ESTÁGIO, QUE COINCIDIU COM O MOMENTO EM QUE A PUC TV, EMISSORA AFILIADA DA TV APARECIDA DE SÃO PAULO, ESTAVA SENDO LANÇADA, QUE MICHELI TEVE O PRIMEIRO CONTATO COM A TELEVISÃO. //

**LOC:** ANOS MAIS TARDE, JÁ FORMADA EM JORNALISMO, SUA SEGUNDA GRADUAÇÃO, MICHELI TRABALHOU COMO PRODUTORA E REPÓRTER DA RECORD TV GOIÁS, ATÉ QUE SE MUDOU PARA A CIDADE DE BAURU PARA TRABALHAR EM UMA AFILIADA DA REDE GLOBO. //

**LOC:** MUDAR PARA CIDADES AINDA MAIORES DO QUE GOIÂNIA PODE SER O SONHO DE MUITOS ESTUDANTES DE JORNALISMO, MAS MICHELI LEMBRA QUE NEM TUDO FOI UM MAR DE FLORES, PELO CONTRÁRIO. / A JORNALISTA ALEGA QUE EM TODAS AS EMISSORAS EM QUE TRABALHOU FORA DE GOIÁS, SOFRIA INTENSAS CRÍTICAS PELO SOTAQUE, TANTO POR PARTE DA CHEFIA, COMO DOS COLEGAS DE TRABALHO. //

**TEC:** SONORA 1 MICHELI ROSA INÍCIO EM 00:00 DUAS SITUAÇÕES ME MARCARAM MUITO... NÃO CABIA NO ASSUNTO, NA MINHA ENTRADA ATÉ 1:22

**TEC:** SONORA 2 MICHELI ROSA INÍCIO EM 00:00 A SEGUNDA SITUAÇÃO ME MARCOU MAIS... ATÉ FALA DIREITO, EM 00:58”

**LOC:** MICHELI CONTA QUE, AOS POUCOS, FOI PERDENDO A IDENTIDADE. / A PRESSÃO ERA TANTA, REFORÇA A JORNALISTA, QUE CHEGAVA A ESQUECER DO SEU PRINCIPAL OBJETIVO: ESTAR PERTO DO TELESPECTADOR, O QUE AFETAVA TODA A ROTINA DO TRABALHO. //

**TEC:** SONORA 3 MICHELI ROSA INÍCIO EM 00:06 “QUANDO VOCÊ TÁ NA CABINE... ATÉ 00:55 EU NÃO ME ENXERGAVA NAQUELA REPORTAGEM...”

**LOC:** E SE VOCÊ ESTAVA PENSANDO QUE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO ESTAVA RESTRITO APENAS ÀS PROFISSIONAIS DE GOIÁS, SE ENGANOU. / VIAJAMOS AGORA PARA O NORDESTE DO PAÍS PARA CONVERSAR COM A REPÓRTER DA REDE TV, EM RECIFE, KAROLINE FERNANDES. / A PERNAMBUCANA JÁ FOI PROFESSORA UNIVERSITÁRIA E COORDENADORA DO CURSO DE JORNALISMO EM INSTITUIÇÕES DA CIDADE. //

**LOC:** KAROLINE CONTA QUE NUNCA SONHOU COM O TELEJORNALISMO PORQUE NÃO SE ENCAIXAVA NOS PADRÕES ESTABELECIDOS PELAS TELEVISÕES NO INÍCIO DOS ANOS 2000. / SEGUNDO ELA, A GRANDE MAIORIA DAS JORNALISTAS QUE ATUAVAM NA ÁREA ERAM BRANCAS, ALTAS E MAGRAS, TEMA QUE RENDERIA OUTRO PODCAST. //

**LOC:** A JORNALISTA DEU OS PRIMEIROS PASSOS DA CARREIRA NA RÁDIO JORNAL, A MAIS IMPORTANTE DE PERNAMBUCO. / LOGO DEPOIS, TRABALHOU EM JORNAL IMPRESSO, COBRINDO POLÍTICA, E, POR FIM, FOI PARA A TV. / HOJE, COMO REPÓRTER DE REDE NACIONAL, KAROLINE CONSEGUE MANTER O SOTAQUE, MAS NEM SEMPRE FOI ASSIM. //

**TEC: SONORA 1 KAROLINE FERNANDES INÍCIO EM (3:26 “LOGO QUE EU COMECEI..... ATÉ 04:43 INFORMAR A NOSSA POPULAÇÃO SOBRE O MUNDO.)**

**LOC:** O MAIS CONTRADITÓRIO É QUE O BRASIL SE APRESENTA COMO UM PAÍS QUE POSSUI UMA DIVERSIDADE ENORME DE VARIAÇÕES NA LINGUAGEM. / LEMBRANDO QUE O PAÍS OCUPA O RANKING DE QUINTO MAIOR DO MUNDO EM EXTENSÃO, FICANDO ATRÁS APENAS DOS ESTADOS UNIDOS, CHINA, CANADÁ E RÚSSIA. //

**LOC:** EXCLUIR UM DETERMINADO GRUPO SOCIAL OU FORÇÁ-LO A ASSUMIR CARACTERÍSTICAS DE OUTRO, IMPACTA O DIREITO À DIFERENÇA. //

**TEC: SONORA 2 KAROLINE FERNANDES INÍCIO EM “00:02 NO COMEÇO EU REALMENTE FALAVA MEIO PAULISTA.... PESSOAS LGBTQIA+ ATÉ 1:37”**

**LOC:** ALGUNS VEÍCULOS ENCARAM A EXCLUSÃO DO SOTAQUE COMO FORMA DE GARANTIR A ESTÉTICA E O PADRÃO DA EMISSORA E DEFENDEM QUE CERTOS TERMOS REGIONAIS NÃO SERÃO ENTENDIDOS POR QUEM ESTÁ ASSISTINDO, PODENDO PREJUDICAR A AUDIÊNCIA. //

**TEC: SONORA 3 KAROLINE FERNANDES INÍCIO EM “00:11 NÃO FAZ O MENOR SENTIDO...1:41 GARANTE PLURALIDADE E REPRESENTATIVIDADE...”**

**LOC:** A FONOAUDIÓLOGA CAROLINA MOURA TEM 43 ANOS. / ELA NASCEU NO RIO DE JANEIRO, MAS SE MUDOU PARA GOIÂNIA, CIDADE EM QUE FEZ SUA GRADUAÇÃO. / CAROLINA É ESPECIALISTA EM VOZ E COACH E ATUA NA ÁREA HÁ 22 ANOS. / A MOTIVAÇÃO PARA SE ESPECIALIZAR NA ÁREA VEIO DE UMA GRANDE PAIXÃO POR TELEVISÃO, DESDE NOVELAS A TELEJORNAIS. / LOGO QUE SE FORMOU, CONSEGUIU UM TRABALHO COMO FONOAUDIÓLOGA DA RECORD TV GOIÁS. //

**LOC:** CAROLINA ALEGA QUE AS QUEIXAS MAIS FREQUENTES DE JORNALISTAS QUE A PROCURAM GERALMENTE ESTÃO LIGADAS A FEEDBACKS QUE RECEBERAM. //

**TEC:** SONORA 1 CAROLINA MOURA INÍCIO EM 00:10 ‘QUANDO A GENTE FALA EM GESTOR.... ATÉ 01:09 O QUE É PÉSSIMO? O QUE É HORROROSO? O QUE É FEIO?’

**LOC:** A REDE GLOBO FOI PIONEIRA NA CONTRATAÇÃO DE FONOAUDIÓLOGOS. / A EMPRESA MANTÉM HOJE PROFISSIONAIS ATUANDO EM CADA UMA DE SUAS EMISSORAS PRÓPRIAS, EM SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO, BRASÍLIA, BELO HORIZONTE E RECIFE. / A EMISSORA CONTA, AINDA, COM CERCA DE 50 PROFISSIONAIS ATENDENDO SUAS EMISSORAS AFILIADAS POR TODO O PAÍS. //

**LOC:** O PIONEIRISMO DA EMISSORA EM DISPONIBILIZAR DE FORMA PERMANENTE ESTE SERVIÇO AOS SEUS PROFISSIONAIS SÓ CORROBOROU PARA A CONFIGURAÇÃO DE UM CHAMADO “PADRÃO” PARA A TRANSMISSÃO DA NOTÍCIA. //

**TEC: SOBE SOM JORNAL DA GLOBO - FÁTIMA BERNARDES E WILLIAN BONNER (COMEÇA EM 00:29 EM JORNAL DA GLOBO ATÉ 00:50 ANGRA 1**

**LOC:** A FONOAUDIÓLOGA ACREDITA QUE HOJE EXISTE UMA ABERTURA MUITO MAIOR DAS EMISSORAS EM ACEITAR OS SOTAQUES, O QUE É UM SALDO POSITIVO, TANTO PARA OS PROFISSIONAIS, QUANTO PARA AS EMPRESAS, MAS É IMPORTANTE QUE A COMUNICAÇÃO SEJA CLARA...//

**TEC SONORA 2 CAROLINA MOURA INÍCIO EM 1:57 O TRABALHO DO FONOAUDIÓLOGO HOJE EM TELEVISÃO É A SUAVIZAÇÃO... ATÉ 2:59 NOSSA IDENTIDADE, DE AONDE NÓS VIEMOS...”**

**LOC:** A VOZ É UM DOS PRINCIPAIS INSTRUMENTOS PARA QUEM TRABALHA EM TELEVISÃO. / ATRAVÉS DAS PAUSAS, DAS ÊNFASES, EMPOSTAÇÕES E ATÉ MESMO DO SILÊNCIO É QUE REPÓRTERES E APRESENTADORES CONSEGUEM SE FAZER ENTENDIDOS PELO PÚBLICO. / A VOZ ENTREGA RIQUEZA À COMUNICAÇÃO E POR ISSO NÃO DEVE SER MODIFICADA, IGNORADA OU SILENCIADA, EXPLICA CAROLINA. //

**TEC: SONORA 3 CAROLINA MOURA INÍCIO EM 00:11 “CADA VOZ É ÚNICA... 1:39 SINGULARIDADE.”**

**LOC:** ESSE PODCAST RETRATA VIVÊNCIAS DE PROFISSIONAIS QUE EM ALGUM MOMENTO SE SENTIRAM ANULADAS, SIMPLEMENTE POR TEREM NASCIDO EM LUGARES DISTANTES DOS GRANDES CENTROS, LOCALIZADOS NO SUDESTE DO PAÍS, QUE, INFELIZMENTE, SEMPRE FORAM REFERÊNCIA DE ESTILO DE VIDA, ECONOMIA, EDUCAÇÃO E CULTURA. //

**LOC:** O SITE BRASIL ESCOLA DESTACA QUE A PRINCIPAL CONSEQUÊNCIA DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO É A ACENTUAÇÃO DOS DEMAIS PRECONCEITOS A ELE RELACIONADOS. / O CIDADÃO SEGREGADO POR APRESENTAR SOTAQUE DE UMA DETERMINADA REGIÃO CONTINUARÁ SENDO VISTO DE FORMA ESTEREOTIPADA, SENDO MOTIVO DE RISO OU DE CHACOTA. //

**TEC: SOBE E DESCE BG**

**LOC:** A NÃO REPRESENTATIVIDADE DA DIVERSIDADE NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO ESTIMULA UMA PERCEPÇÃO EQUIVOCADA DA REALIDADE. / AO PROMOVER A IDEIA DA PADRONIZAÇÃO, PROMOVE-SE A CONCEPÇÃO DE UM MODELO ÚNICO A SER ADOTADO PELA MAIORIA, O QUE RETROALIMENTA O PRECONCEITO, COMO DESTACADO ANTERIORMENTE. / POR ISSO A IMPORTÂNCIA DE SE GARANTIR E ESTIMULAR OS ESPAÇOS DE DIVERSIDADE NA MÍDIA. //

**LOC:** SÓ ASSIM SERÁ POSSÍVEL RECONHECER AS DIFERENÇAS, VALORIZAR AS CULTURAS E POSSIBILITAR A REPRESENTATIVIDADE DO SUJEITO ENQUANTO CIDADÃO, PRINCIPALMENTE EM UM PAÍS EM QUE A AFIRMAÇÃO DA CIDADANIA AINDA SE FAZ TÃO NECESSÁRIA. //

**TEC:** SONORA 5 ANA CAROLINA TEMER “INÍCIO EM 00:02 O JORNALISMO TEM UM PAPEL MUITO IMPORTANTE... ATÉ 00:38 ELE CONTRIBUI SIM PARA A CIDADANIA.

**LOC:** VOCÊ ACABA DE OUVIR O PODCAST SOLTA A TUA VOZ. / A PRODUÇÃO, RESULTANTE DA DISCIPLINA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO, É MINHA, JORDANA AYRES. / A ORIENTAÇÃO É DA PROFESSORA, MESTRE EM COMUNICAÇÃO E CIDADANIA, DENIZE DAUDT BANDEIRA. / A TÉCNICA É DE NILSON RIBEIRO FILHO. / A GRAVAÇÃO E EDIÇÃO FORAM REALIZADAS NO LABORATÓRIO DE RÁDIO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. / A FINALIZAÇÃO DO PROJETO É PARA CONCLUSÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO FOI EM 2022. //

## Apêndice B - Pautas

### PAUTA 1 - TCC

Ana Carolina Temer, 64

Contato: 98126-2556

**Editora:** Jordana Ayres

**Fonte:** Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, na linha de pesquisa Mídia e Cidadania. Doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2001). Pós Doutoranda na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas: Teorias da Comunicação, Televisão, Telejornalismo, e Gêneros Jornalísticos. Líder do Grupo de Pesquisa Televisão e Cidadania da UFG. Autora dos livros Para Entender as Teorias da Comunicação e a Televisão em busca da Interatividade. Orientadora de Doutorado.

#### **Dados:**

- O Brasil se apresenta como um país que possui uma diversidade na língua e por isso nele são faladas inúmeras variações na linguagem. Um fator que muito contribui para isso é sua extensão territorial de 8.547.403 km<sup>2</sup>, o que o coloca no ranking do 5º maior país do mundo em extensão, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, China, Canadá e Rússia, de acordo com dados do IBGE (2005). Dividido em 26 estados e mais um Distrito Federal, o Brasil é composto pela mistura principalmente na língua;
- O brasileiro anda arraigado no conceito de uma língua única e pura, e foge, no entanto, de sua própria cultura plural, de sua formação heterogênea, criando um contexto contraditório, além de preconceituoso, de sua realidade que é o de existir uma única forma do uso da língua (INTERCOM - Amanda Pinto Franco);
- O preconceito linguístico dirige-se da elite econômica para as classes mais pobres. Segundo o professor Bagno, muitos usam a língua como ferramenta de dominação, visto que o

desconhecimento da norma-padrão, de acordo com essas pessoas, representaria um baixo nível de qualificação profissional. Por essa razão, muitas pessoas permanecem nos subempregos e com péssima remuneração. Resumindo, o preconceito linguístico é um dos pilares de manutenção da divisão de classes no Brasil." (Brasil Escola)

- "A principal consequência do preconceito linguístico é a acentuação dos demais preconceitos a ele relacionados. Isso significa que o indivíduo excluído em uma entrevista de emprego, por se utilizar de uma variedade informal da língua, não terá condições financeiras de romper a barreira do analfabetismo e, provavelmente, continuará excluído. O cidadão segregado por apresentar sotaque de uma determinada região continuará sendo visto de forma estereotipada, sendo motivo de riso ou de chacota e assim por diante." (Brasil Escola).

#### **Perguntas:**

- 1- Quais os principais preconceitos existentes na área do telejornalismo em relação à locução?
- 2- Esses preconceitos ainda existem ou estão diminuindo?
- 3- Quais motivos provocaram essa diminuição?
- 4- Qual o interesse de se impor um padrão vocal?
- 5- Qual a relação dessa dinâmica com a cidadania?
- 6- Na sua opinião, a padronização vocal contribui para o preconceito linguístico?
- 7- Como o telejornalismo pode contribuir para a aceitação de uma sociedade diversa como o Brasil?

**PAUTA 2 - TCC****Danila Bernardes, 32****Contato: 9 8422-3410****Editora:** Jordana Ayres

**Fonte:** Natural de Mara Rosa, interior de Goiás, possui graduação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2013) com especialização em assessoria de comunicação e marketing pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Danila trabalhou como produtora, editora e repórter da TV Anhanguera, afiliada da Rede Globo em Goiânia, capital do Estado de Goiás. Também atuou como repórter e apresentadora da TV Brasil Central (TBC). Atualmente, Danila é repórter e correspondente de três afiliadas da Globo, sendo TV Centro América (MT), TV Morena (MS), e TV Verdes Mares (CE).

**Dados**

- As mulheres sofrem discriminação e preconceito em diversas categorias profissionais, e no caso do jornalismo, onde formam 64% da categoria, são as vítimas preferenciais de assédio moral (FENAJ);
- Levantamento do Coletivo Feminista do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal (SPJDF), de 2016, mostra que as jornalistas sofrem assédio tanto por parte de chefes, colegas, quanto de entrevistados e muitas vezes são preteridas na distribuição de pautas;
- As pessoas descobrem cada vez mais cedo as necessidades terríveis da profissão e, em particular, todas as pressões associadas ao índice de audiência etc. O jornalismo é uma das profissões em que se encontram mais pessoas inquietas, insatisfeitas, revoltadas ou cinicamente resignadas (BOURDIEI, 1997, p.53).

- Em uma reportagem telejornalística, o repórter e muitas vezes a personagem são facilmente induzidos a falar da maneira que o telejornal padroniza: com um sotaque mais próximo ao do sudeste do Brasil. Estas restrições ao modo da fala feita pelo autor (repórter) seguem a estética “imposta” pelo meio, que é a televisão (INTERCOM - Amanda Pinto Franco).
- É comum que os agentes de preconceito estejam nos grandes centros populacionais, os quais monopolizam cultura, mídia e economia, como Sudeste e Sul. As vítimas, por sua vez, normalmente, estão nas regiões consideradas pelos algozes como mais pobres ou atrasadas culturalmente (como Nordeste, Norte e Centro-Oeste). Rótulos como o de “nordestino analfabeto” ou de “goiano caipira”, infelizmente, ainda estão presentes no pensamento e no discurso de muitos brasileiros. (Brasil Escola)

### **Perguntas**

- 1- Em quais emissoras você já trabalhou?
- 2- Em quais delas você viveu situações de preconceito relacionados a sua locução por ser goiana?
- 3- Aconteceu mais de uma vez?
- 4- Em qual desses momentos você se sentiu mais constrangida?
- 5- Como você reagia a esses momentos?
- 6- Em algum momento a chefia declarava que você não devia estar ocupando o cargo de repórter por conta do seu sotaque?
- 7- Isso afetava a sua rotina de trabalho?
- 8- Quando você viu a necessidade de transformar a forma como você falava/narrava as histórias?
- 9- Existiam profissionais, como fonoaudiólogos, nas emissoras, que eram responsáveis padronizar a estética da sua voz?
- 10- Como você enxerga essas situações hoje em dia?

**PAUTA 3 - TCC****Micheli Rosa, 32****Contato: 62 9 9152- 4571****Editora:** Jordana Ayres

**Fonte:** Natural de Goiânia, Micheli Rosa se graduou em Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC – Go) em 2010. Quatro anos depois, ela se formou em Jornalismo, também na PUC. Micheli estagiou na Record TV Goiás, foi contratada na emissora como produtora de TV e pouco tempo depois se tornou repórter no Rio de Janeiro. Micheli foi transferida para a Record TV em São Paulo, onde também atuou como repórter nesse mesmo período de tempo. A jornalista era responsável por reportagens nos jornais exibidos na programação local e nacional da emissora. Atualmente, Micheli está de volta em Goiânia atuando como repórter da Record TV Goiás.

**Dados**

- As mulheres sofrem discriminação e preconceito em diversas categorias profissionais, e no caso do jornalismo, onde formam 64% da categoria, são as vítimas preferenciais de assédio moral (FENAJ);
- Levantamento do Coletivo Feminista do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal (SPJDF), de 2016, mostra que as jornalistas sofrem assédio tanto por parte de chefes, colegas, quanto de entrevistados e muitas vezes são preteridas na distribuição de pautas;

- As pessoas descobrem cada vez mais cedo as necessidades terríveis da profissão e, em particular, todas as pressões associadas ao índice de audiência etc. O jornalismo é uma das profissões em que se encontram mais pessoas inquietas, insatisfeitas, revoltadas ou cinicamente resignadas (BOURDIEU, 1997, p.53).
  
- Em uma reportagem telejornalística, o repórter e muitas vezes a personagem são facilmente induzidos a falar da maneira que o telejornal padroniza: com um sotaque mais próximo ao do sudeste do Brasil. Estas restrições ao modo da fala feita pelo autor (repórter) seguem a estética “imposta” pelo meio, que é a televisão (INTERCOM - Amanda Pinto Franco).
  
- É comum que os agentes de preconceito estejam nos grandes centros populacionais, os quais monopolizam cultura, mídia e economia, como Sudeste e Sul. As vítimas, por sua vez, normalmente, estão nas regiões consideradas pelos algozes como mais pobres ou atrasadas culturalmente (como Nordeste, Norte e Centro-Oeste). Rótulos como o de “nordestino analfabeto” ou de “goiano caipira”, infelizmente, ainda estão presentes no pensamento e no discurso de muitos brasileiros. (Brasil Escola)

**Perguntas**

- 1- Em quais emissoras você já trabalhou?
- 2- Em quais delas você viveu situações de preconceito relacionados a sua locução por ser goiana?
- 3- Aconteceu mais de uma vez?
- 4- Em qual desses momentos você se sentiu mais constrangida?
- 5- Como você reagia a esses momentos?
- 6- Em algum momento a chefia declarava que você não devia estar ocupando o cargo de repórter por conta do seu sotaque?
- 7- Isso afetava a sua rotina de trabalho?
- 8- Quando você viu a necessidade de transformar a forma como você falava/narrava as histórias?
- 9- Existiam profissionais, como fonoaudiólogos, nas emissoras, que eram responsáveis por padronizar a estética da sua voz?
- 10- Como você enxerga essas situações hoje em dia?

**PAUTA 4 - TCC****Carolina Moura , 43****Contato: 9 8116-5135****Editora: Jordana Ayres**

**Fonte:** Carolina Moura, 42 anos, nascida no Rio de Janeiro, formada na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, é fonoaudióloga, advogada, especialista em voz e coach. Desde a graduação, Carolina se encantou pela matéria que tratava sobre os distúrbios relacionados à voz humana. Buscou cursos e congressos relacionados à mesma área, sempre com foco em estudos sobre as vozes de advogados, cantores e jornalistas. A especialização da profissional na pós-graduação teve o foco voltado para a voz falada de uma maneira rica e profunda. Após a formação, Carolina atuou como fonoaudióloga na Record TV Goiás, colocando em prática tudo o que havia estudado. Ela sempre foi apaixonada por televisão, desde novelas a telejornais. Atualmente, a fonoaudióloga é professora de cursos de oratória, palestrante e mentora de cursos de oratória e comunicação humana.

**I. Tema:** A importância da fonoaudiologia no telejornalismo para quebrar os padrões; como a fala contribui para a aceitação da cultura das mulheres jornalistas; caminhos possíveis para que os diferentes tipos de vozes sejam aceitas nas televisões.

## **II. Motivos para a pauta**

- Entender a importância do fonoaudiólogo para profissionais que atuam na televisão;
- Saber quais as maiores queixas de repórteres e apresentadoras em relação a voz que possuem;
- Abordar o assunto sobre a importância de existir a visão de que nenhuma voz é errada e quebrar padrões sobre a existência de um timbre ou imitação perfeita;
- Conhecer técnicas que ajudam na locução como ferramenta de trabalho e não como agente modificador.

### **III. Justificativa**

Todas as abordagens serão necessárias para complementação e produção do conteúdo para o Trabalho de Conclusão de Curso. Vale ressaltar ainda que entender a importância do profissional de fonoaudiologia é primordial para o curso de comunicação social - Jornalismo, uma vez que os profissionais formados, muitas vezes, têm a voz como principal instrumento de trabalho.

### **IV. Enfoque/viés**

Enfoque na importância da fonoaudiologia para ajudar a potencializar a comunicação das jornalistas e a diferença entre buscar essas melhorias e aceitar preconceitos linguísticos para entrar no mercado de trabalho.

### **V. Metodologia**

A partir de estudos do nosso trabalho teórico, fazendo uso dos dados antemão pesquisados, farei uma entrevista presencial no Campus V da PUC Goiás com a personagem Fernanda Roriz. O material será gravado, decupado, transcrito, editado e posteriormente anexado ao trabalho no episódio..

### **VI. Dados**

- A Rede Globo foi pioneira na contratação de colegas para esse tipo de atuação. A empresa conta hoje com cinco fonoaudiólogos atuando em cada uma de suas emissoras próprias, em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte e Recife. Conta, ainda, com cerca de 50 profissionais atendendo suas emissoras afiliadas, por todo o país;
- A Rede Bandeirantes conta com dois fonoaudiólogos atuando na cidade de São Paulo. A Rede Record tem 12 fonoaudiólogos atuando nas cidades de São Paulo, Santos, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Brasília, Goiânia, Manaus, Bahia, Maceió, Rondônia e

Santa Catarina. O Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) conta com um fonoaudiólogo, atuando em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Brasília e Belém;

- O pioneirismo da Rede Globo de Televisão em disponibilizar de forma permanente este serviço aos profissionais da emissora só corroborou para a configuração de um chamado “padrão” para a transmissão da notícia;
- Para Behlau (2005), o público que procura o aperfeiçoamento vocal, geralmente, não apresenta problemas vocais ou lesões laríngeas, apenas tem a consciência de que a comunicação é fator determinante para a função profissional que exerce. A autora menciona que os repórteres são profissionais com uma grande demanda vocal, pois alguns segundos no telejornal podem ter representado até dias de uso vocal excessivo para o preparo do material, com entrevistas, apurações e gravação do off;
- Aspectos fundamentais são apontados como formadores de uma comunicação verbal padrão no telejornalismo. Dentre eles, são evidentes e corriqueiras as repetições de termos como “articulação clara”, “boa impostação vocal”, “ressonância”, “ritmo e velocidade de fala”, entre outros. A redução dos regionalismos também é apontada na literatura como um aspecto trabalhado para TV como forma de padronização da comunicação nacional;
- Uma grande problemática gira em torno da definição dos padrões da “voz agradável para o telejornalismo”. Grande parte do conhecimento hoje produzido neste campo midiático é formatado principalmente pelos padrões americanos e pela tradição que é consolidada como referência para a transmissão de notícias na TV. Nem sempre os profissionais desta área utilizam os recursos de sua voz para se adaptar a padrões esperados.

**VII. Perguntas**

- 1- Como você se tornou fonoaudióloga de televisão?
- 2- Há quanto tempo você está na área?
- 3- Em quais emissoras já trabalhou?
- 4- Qual o perfil das profissionais que te procuram para iniciar o tratamento?
- 4 - Quais as queixas mais comuns relacionadas à voz você costuma ouvir?
- 5- A voz perfeita, tão buscada pelas jornalistas, realmente existe?
- 6- Qual a importância da fonoaudiologia no telejornalismo?
- 7- Como você trabalha para trabalhar a voz dessas profissionais sem modificá-las e fazerem elas cair no “padrão” vocal?
- 8- Qual a justificativa para a padronização da fala?
- 9- Como isso impacta a vida dos jornalistas?

**PAUTA 5 - TCC****Karoline Fernandes, 37****Contato: (81) 99656-1408****Editora: Jordana Ayres**

**Fonte:** Karoline Fernandes é jornalista, formada pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), doutoranda em Ciência da Informação pelo PPGCI/UFPE. Mestre em Comunicação pelo PPGCOM/UFPE e pós-graduada em Ciência Política pela Unicap. Atualmente, Karoline atua como repórter da Rede TV! em Recife. Foi professora universitária em instituições como Centro Universitário Maurício de Nassau (Uninassau) e Centro Universitário dos Guarapes (UNIFG), em que também foi coordenadora dos cursos de Jornalismo, Rádio e TV e Fotografia. Como jornalista profissional, passou por veículos como: rádio Jornal, rádio CBN, TV Band News PE, Agência Nordeste, TV Jornal e Jornal do Commercio. Neste período, conquistou alguns prêmios de jornalismo, entre eles: Prêmio Cristina Tavares de Jornalismo; III Prêmio Mestre Salustiano do Turismo de Pernambuco; 2º Prêmio Porto Digital de Jornalismo; 3º Prêmio Porto Digital de Jornalismo; 4 Prêmio Sebrae de Jornalismo e IX Prêmio Urbana de Jornalismo.

### **Dados**

- As mulheres sofrem discriminação e preconceito em diversas categorias profissionais, e no caso do jornalismo, onde formam 64% da categoria, são as vítimas preferenciais de assédio moral (FENAJ);
- Levantamento do Coletivo Feminista do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal (SPJDF), de 2016, mostra que as jornalistas sofrem assédio tanto por parte de chefes, colegas, quanto de entrevistados e muitas vezes são preteridas na distribuição de pautas;
- Em uma reportagem telejornalística, o repórter e muitas vezes a personagem são facilmente induzidos a falar da maneira que o telejornal padroniza: com um sotaque mais próximo ao do sudeste do Brasil. Estas restrições ao modo da fala feita pelo autor (repórter) seguem a estética “imposta” pelo meio, que é a televisão (INTERCOM - Amanda Pinto Franco).
- É comum que os agentes de preconceito estejam nos grandes centros populacionais, os quais monopolizam cultura, mídia e economia, como Sudeste e Sul. As vítimas, por sua vez, normalmente, estão nas regiões consideradas pelos algozes como mais pobres ou atrasadas culturalmente (como Nordeste, Norte e Centro-Oeste). Rótulos como o de “nordestino analfabeto” ou de “goiano caipira”, infelizmente, ainda estão presentes no pensamento e no discurso de muitos brasileiros. (Brasil Escola)

**Perguntas**

- 1- Como você começou no jornalismo?
- 2- O telejornalismo sempre foi um objetivo para você?
- 3- Enquanto mulher e nordestina, quais foram os principais preconceitos que você enfrentou na profissão em relação a sua regionalidade?
- 4- Em algum desses momentos em que as pessoas falavam que você não poderia ser repórter ou apresentadora de TV, por conta da sua locução, você pensou abandonar a profissão?
- 5- Quais termos nordestinos a chefia ou a edição pediu para você remover dos seus textos?
- 6- Na sua opinião, qual a importância de mulheres jornalistas de diferentes regiões do país estarem na televisão e em grandes veículos de comunicação?